



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ENSINO DE LÍNGUA E
LITERATURA

ESTER FERNANDES NUNES

**ANÁLISE DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS SINALIZADAS NO AMBITO DO
CURSO LETRAS LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS.**

ARAGUAÍNA
2020

ESTER FERNANDES NUNES

**ANÁLISE DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS SINALIZADAS NO ÂMBITO DO
CURSO LETRAS LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS.**

Dissertação apresentada ao PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins como requisito para a obtenção do título de Mestre em Língua e Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Castiglioni.

Área de concentração: Ensino e Formação de Professores de Língua e Literatura

Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Diversidade Cultural.

ARAGUAÍNA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- N972a Nunes, Ester Fernandes .
ANÁLISE DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS SINALIZADAS NO
ÂMBITO DO CURSO LETRAS LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TOCANTINS.. / Ester Fernandes Nunes. – Araguaína, TO, 2020.
103 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2020.
Orientadora : Ana Claudia Castiglioni
1. Léxico . 2. Renovação lexical. 3. Morfemas. 4. Surdez. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ESTER FERNANDES NUNES

**ANÁLISE DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS SINALIZADAS NO
ÂMBITO DO CURSO LETRAS LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Letras.

Data de aprovação 31/08/2020

Banca examinadora:

Ana Claudia Castiglioni

Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni - Orientadora (UFT)

Ana Claudia Castiglioni

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro - Examinador Interno (UFT)

Ana Claudia Castiglioni

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa - Examinador Externo (UFAC)

Dedico a todos os que apreciam e prestigiam a cultura surda e as Línguas de Sinais.

AGRADECIMENTOS

A concretização desse trabalho não seria possível sem a colaboração de alguns parceiros que contribuíram direta e indiretamente para a realização dele. Externo aqui a minha gratidão a essas pessoas.

Deus pelo dom da vida, pela saúde, disposição e cuidado dispensados a mim cotidianamente.

A professora Dra. Ana Claudia Castiglioni pela convivência e orientação.

Ao meu filho surdo Cleysson Wender Fernandes Pires pelas contribuições nesse trabalho.

Aos familiares e amigos.

Aos participantes da pesquisa (surdos e ouvintes).

A comunidade surda por me permitir adentrar à sua cultura.

A banca examinadora composta pelos professores Dr. Alexandre Melo de Sousa e Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, pela contribuição para o aperfeiçoamento desse trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) pela contribuição para a minha formação.

A vocês o meu compromisso de contribuir para o prestígio e valorização da Libras por meio dos conhecimentos adquiridos.

Pois na língua de um povo, observa Herder, “reside toda a sua esfera de pensamento, sua tradição, história, religião e base da vida, todo o seu coração e sua alma”. Isso vale especialmente para a língua de sinais, pois ela é a voz – não só biológica e impossível de silenciar – dos surdos.

(Sacks, 1990, p. 105).

RESUMO

Esse estudo busca a compreensão do processo de criação de novas Unidades Lexicais Sinalizadas (ULS) da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para isso, selecionamos o ambiente acadêmico do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional como campo de investigação. A escolha desse cenário se deu pela influência dos estudos linguísticos da Libras como língua natural e as legislações que garantem a sua circulação como língua brasileira, que a permitiram adentrar o meio acadêmico, e com isso, o surgimento de novas ULS. Nesse panorama, surge a emergência do nosso problema de pesquisa: compreender o processo de criação de novas ULS nesse contexto. O corpus é composto por materiais como vídeos institucionais da UFT, em Libras, vídeos provenientes da troca de informações entre integrantes da comunidade acadêmica em uma rede social e também material impresso. A proposta foi inicialmente evidenciar a existência de novas ULS nessas mídias e efetivarmos as análises acerca do processo de criação delas. Fundamentamos o trabalho à luz dos estudos lexicológicos, sociolinguísticos e morfológicos, áreas da linguística que compreendem as mudanças e variações da língua, as transformações sociais, o fenômeno da inserção de novos vocábulos em uma língua em contextos de diferentes grupos sociais, a estrutura interna dos sinais e as regras que determinam a sua formação. Além disso, teorias e políticas públicas que abrangem a Libras nos auxiliaram nesse processo. Teóricos como Alves (1994), Biderman (2001) Preti (1974), Brasil (2002, 2005), Ferreira Brito (1995) Quadros (2004), Strobel (2008) Skliar (1997), Sacks (1990), Castro-Junior (2011), Felipe (2006), Faria-nascimento (2013), Jonhson e Schembri (1999), Zeshan (2003) nos guiaram no percurso. Adotamos como diretriz metodológica a pesquisa bibliográfica, uma vez que lida com materiais disponíveis na internet e em um grupo de rede social, além de entrevistas com surdos membros da comunidade surda alvo da pesquisa com a finalidade de validar os significados de alguns sinais. Ao todo foram analisadas vinte (20) ULS, do contexto abordando questões como o processo de criação ao qual estão inseridas, e a influências que conduziram o processo. Os resultados revelaram a existência de quatro principais processos morfológicos de criação de novas ULS: por derivação a partir do significado da base: Configuração de Mão e Ponto de Articulação; ULS do processo de Flexão por mudança fonomorfêmica e de número; ULS do processo de Composição por simultaneidade, e ULS de processo Classificador: Lexicalização de ações miméticas Lexicalização de formas geométricas.

Palavras-chave: Léxico; renovação lexical; morfemas, surdez.

ABSTRACT

This study seeks to understand the process of creating new Signed Lexical Units (ULS) of the Brazilian Sign Language (Libras). For this, we selected the academic environment of the Literature Libras course at the Federal University of Tocantins (UFT), Porto Nacional campus as a field of investigation. This scenario was chosen due to the influence of Libras linguistic studies as a natural language and the laws that guarantee its circulation as a Brazilian language, which allowed it to enter the academic world, and with it, the emergence of new ULS. In this panorama, our research problem emerges: understanding the process of creating new ULS in this context. The corpus consists of materials such as UFT institutional videos, in Libras, videos from the exchange of information between members of the academic community on a social network, and also printed material. The proposal was initially to show the existence of new ULS in these media and carry out the analysis of their creation process. We base the work in the light of lexicological, sociolinguistic and morphological studies, areas of linguistics that include language changes and variations, social transformations, the phenomenon of insertion of new words in a language in contexts of different social groups, the internal structure of signs and rules that determine their training. In addition, theories and public policies covering Libras helped us in this process. Theorists like Alves (1994), Biderman (2001) Preti (1974), Brazil (2002, 2005), Ferreira Brito (1995) Quadros (2004), Strobel (2008) Skliar (1997), Sacks (1990), Castro-Junior (2011), Felipe (2006), Faria-Nascimento (2013), Jonhson and Schembri (1999), Zeshan (2003) guided us along the way. We adopted bibliographic research as a methodological guideline, as it deals with materials available on the internet and in a social network group, as well as interviews with deaf members of the deaf community targeted by the research in order to validate the meanings of some signs. Altogether twenty (20) ULS were analyzed, from the context addressing issues such as the creation process to which they are inserted, and the influences that led the process. The results revealed the existence of four main morphological processes for the creation of new ULS: by derivation from the meaning of the base: Hand Configuration and Articulation Point; ULS of the Flexion process by phonomorphemic and number change; ULS of the Simultaneity Composition process, and ULS of the Classifier process: Lexicalization of mimetic actions Lexicalization of geometric shapes.

Keywords: Lexicon; lexical renewal; morphemes, deafness.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Neologismos por Derivação Prefixal	37
Esquema 2 - Neologismos por Derivação Sufixal	37
Esquema 3 - Variantes do sinal CONSTITUIÇÃO	56
Esquema 4 - Esquema 4- Variantes de PAI	57
Esquema 5 - Esquema 5- Variantes de MÃE	57
Esquema 6 - Ficha Lexicográfica de apresentação dos dados	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Movimento contra TCC oral	22
Figura 2 - Canal Visurdo	23
Figura 3 - Grupos de WhatsApp	24
Figura 4 – Comunidade de surdos no Facebook	24
Figura 5 - Divulgação do primeiro vestibular Letras Libras e prova do vestibular 2015.	32
Figura 6 - Videoprova traduzida em Libras ENEM 2017	34
Figura 7 - Termo Ligação dupla em Libras	38
Figura 8 - Sinal ESCOLA	41
Figura 9 - Sinal AGULHA - classificador.....	41
Figura 10 - Sinal AGULHA – sinal + datilologia	42
Figura 11 - Sinal AÇOUGUE	42
Figura 12 - Sinal RIO	42
Figura 13 - Sinal PÁSSARO	43
Figura 14 - Sinal MECÂNICO	43
Figura 15 - Sinal LUA DE MEL	44
Figura 16 - Sinal RELAÇÃO SEXUAL	44
Figura 17 - Sinal DESENHAR	45
Figura 18 - Sinal ACIDENTE DE CARRO	45
Figura 19 - Sinal CAVALINHO DE BALANÇO	45
Figura 20 - Contraste de sinais com mudanças na duplicidade de mãos	47
Figura 21 - Sinal BRASIL	48
Figura 22 - Sinais emergentes usados por surdos em escolas indígenas Jaguapuru e Bororo – parte 1	49
Figura 23 Sinais emergentes usados por surdos em escolas indígenas Jaguapuru e Bororo – parte 2	50
Figura 24 - Gírias do contexto de surdos da cidade de Natal – RN 1	53
Figura 25 - Gírias do contexto de surdos da cidade de Natal - RN 2	53
Figura 26 - Sinal-gíria INTOLERÂNCIA, ou FALTA DE PACIENCIA	54
Figura 27 - Sinal-gíria SOLTEIRO	54
Figura 28 – Glossário Bilíngue de sinais da Libras	58

Figura 29 – Sinais motivados por logotipo	59
Figura 29 - Sinal COLEGIADO	76
Figura 30 - Sinal Letras Libras	92

LISTA DE FICHAS LEXICOGRÁFICAS

Ficha Lexicográfica 1 – LETRAS-ORAL.....	64
Ficha Lexicográfica 2 – Transformação de LETRAS LIBRAS em LETRAS-ORAL ...	65
Ficha Lexicográfica 3 – Sinal-termo UFT.....	67
Ficha Lexicográfica 4 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE ARAGUAÍNA – TO.	68
Ficha Lexicográfica 5 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE GURUPI –TO.....	69
Ficha Lexicográfica 6 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE MIRACEMA – TO.....	70
Ficha Lexicográfica 7 – Sinal-termo CAMPUS UFT PALMAS -TO.	71
Ficha Lexicográfica 8 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE PORTO NACIONAL -TO ...	73
Ficha Lexicográfica 9 – DISCIPLINA-ORAL.....	74
Ficha Lexicográfica 10 – Sinal-termo CONDIR	76
Ficha Lexicográfica 11 – Sinal-termo CONSEPE	77
Ficha Lexicográfica 12 – Sinal-termo CONSUNI	79
Ficha Lexicográfica 13 – Sinal APLAUSOS	80
Ficha Lexicográfica 14 – REPÚDIO ao ouvintismo	81
Ficha Lexicográfica 15 – SURDEZ	83
Ficha Lexicográfica 16 – Sinal-termo PRÉ-REQUISITOS	84
Ficha Lexicográfica 18 – RECLAMAÇÃO	88
Ficha Lexicográfica 19 – PÉSSIMO	89
Ficha Lexicográfica 20 – Sinal-termo PADI.....	90

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana
CONDIR	Conselho Diretor
CONSEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CONSUNI	Conselho Universitário
CM	Configuração de mão
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EF	Expressões Faciais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
LS	Línguas de Sinais
LSB	Língua de Sinais Britânica
Libras	Língua Brasileira de Sinais
M	Movimento
OP	Orientação da palma
PA	Ponto de Articulação
PADI	Programa de Apoio ao Discente Ingressante
PROLIBRAS	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino de Libras e em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TILSP	Tradutor/ intérprete de Libras e português
ULS	Unidades Lexicais Sinalizadas
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
VARLIBRAS	Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras

(CNH) Carteira Nacional de Habilitação

EaD Educação a distancia

CONVENÇÕES PARA A TRANSCRIÇÃO E ANOTAÇÕES DAS ULS¹

Anotação	Convenção	Exemplo
ULS escrita em português	Caixa alta	LIBRAS
ULS com mais de uma palavra do português	Caixa alta e hífen	LETRAS-LIBRAS
Marcação de gênero	Uso de @	MENIN@
ULS soletrada por meio de datilologia ou alfabeto manual.	Caixa alta separada por hífen.	G-U-R-U-P-I
ULS composta realizada sequencialmente	^	CASACL^ESTUDO

¹ Adaptado de Rodero-Takahira (2015).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. CONQUISTAS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA	26
1.1. Políticas em relação à Libras: ganhos na legislação	27
1.2. Planejamento em relação à Libras: implementação de ações	31
2. NEOLOGISMOS, GÍRIAS E VARIAÇÃO.	36
2.1. Neologismos	36
2.1.1. Composição	41
2.1.2. Derivação	46
2.1.3. Empréstimo Linguísticos	48
2.1.4. Processos miméticos ou icônicos	49
2.2. Gírias	52
2.3. Variação lexical	56
2.4. Sinais-termos	58
3. METODOLOGIA	60
3.1. Abordagem	60
3.2. Etapas	61
3.3. Entrevistas	63
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	64
4.1. ULS do processo de derivação	65
4.1.1. Derivados a partir do significado da base: MORFEMA-BASE- PRESO-LETRA (Configuração de Mão – CM).....	65
4.1.2. Derivados a partir do significado da base (Ponto de Articulação – PA)	76
4.2. ULS do processo de Flexão	81
4.3. ULS do processo de Composição	87
4.4. ULS de processo Classificador	87
4.4.1. Lexicalização de ações miméticas	88
4.4.2. Lexicalização de formas geométricas	91
4.5. Processos de formação de ULS: achados da pesquisa	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

Apresentamos um breve histórico de vida a fim de situar o leitor do lugar de onde falamos ao abordarmos o tema. Um acontecimento de impacto fundamental em minha trajetória pessoal e profissional foi o fato do meu filho primogênito ter adquirido surdez profunda bilateral como seqüela de uma meningite com a idade de um ano e oito meses. Até então, eu desconhecia a surdez e suas implicações, e, por isso, me vi completamente sem um norte diante de tal situação. Uma explosão de sentimentos que oscilavam entre incerteza, tristeza e compaixão me invadiu. A sensação de impotência que me acometia foi tamanha, a ponto de abalar a minha autoestima com o questionamento: que tipo de mãe sou eu, que nem ao menos estabelecer um diálogo com o filho consegue?

Dalcin (2016, p.199-212) argumenta que quando os surdos não têm acesso à língua de sinais, eles transitam pela língua oral, mas não têm recursos para se apropriar dela de maneira natural e espontânea, e a ausência de compreensão dos acontecimentos cotidianos do contexto familiar e social faz com que se tornem excluídos desses meios. E na prática, os dias que sucederam o diagnóstico da surdez, foram basicamente semelhantes ao mencionado pela autora, pois era impossível explicar ao meu filho os conceitos simples do dia-a-dia, e difícil compreender suas formas de expressões por meio de gestos e apontações.

Essa barreira comunicativa, por diversas vezes nos colocava em situações de extrema incompreensão, acrescidas de certa inquietação. Lembro-me bem de um episódio em que eu estava na cozinha e ele adentrou eufórico com a minha bolsa apontando pra rua, inicialmente não entendi mas percebi pela bolsa, que ele queria comprar algo no supermercado. Fomos a um supermercado próximo de casa, e chegando lá ele foi direto à sessão de iogurtes e pegou uma bandeja. Só então eu percebi a sua intenção em ir ao supermercado. Pagamos o produto e voltamos para casa. Eu continuei na cozinha com os meus afazeres, e ele foi para a sala levando um iogurte e uma colher. De repente, ele entra na cozinha aos prantos, abre a geladeira, pega a bandeja de iogurte e joga no lixo e faz repetidamente um sinal com a mão fechada e o dedo polegar estendido apontando para baixo (oposto ao significado de legal, positivo). Esse sinal remete a ideia de ruim, péssimo. Fiquei sem entender, e tentei explicar-lhe que estava bom, mas ele estava inconsolado e não queria saber dos iogurtes. Vez ou outra eu oferecia a ele um iogurte, mas a resposta era sempre negativa. O desfecho dessa história eu só compreendi dias depois, quando ele segurando minha mão me levou até a sala para ver algo na televisão. Para a minha surpresa, era uma propaganda do iogurte, na qual a criança que o consumia, rapidamente crescia e se transformava em um gigante. Essa experiência relatada representa apenas uma das

barreiras comunicativas enfrentadas em casa, ressaltando que muitos outros episódios foram vivenciados.

Pensando nisso, busquei um tratamento que pudesse “devolver-lhe a fala” e fui até a cidade de Bauru – São Paulo na busca por uma cirurgia de implante coclear, mas ele não foi um candidato à cirurgia e recebeu apenas um aparelho auditivo de amplificação sonora, mas não se adaptou ao uso desse.

Após um ano e meio do diagnóstico da surdez, um episódio que funcionou como água divisora nessa trajetória foi o meu primeiro contato com uma professora surda de Libras. Eu que na minha vã ignorância supunha que ele seria meu dependente para realizar as mais diversas atividades, pude começar a compreender as especificidades linguístico-culturais dos sujeitos surdos a partir desse episódio. Um mundo de possibilidades se abriu para mim ao contemplar a professora surda no exercício de suas atividades laborais.

E a partir daquele momento, eu que desconhecia a Libras tive o privilégio de apreciá-la pela primeira vez nas mãos dessa professora, de maneira que o meu empenho a partir de então, girou em torno do aprendizado de Libras pensando na questão comunicativa com meu filho e principalmente em torná-lo um cidadão, mesmo sem compreender ainda que todos os conceitos e conhecimentos de mundo, para os surdos, perpassam por essa língua. Dessa maneira, busquei me especializar por meio de cursos nos níveis básico, intermediário e avançado.

Tal conhecimento possibilitou-me adentrar o universo surdo, interagir e trocar experiências junto à comunidade surda e seus familiares.

Os conhecimentos adquiridos abriram portas para o meu ingresso no mercado de trabalho como tradutora/intérprete de Libras. Em seguida, fui aprovada no exame PROLIBRAS², em seguida me graduei no curso de Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina, e, por conseguinte, ingressei no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins.

O conforto linguístico proporcionado pelo aprendizado da Libras foi o diferencial nesse percurso, e conforme mencionado, refletiu positivamente também na minha profissionalização. Hoje, meu filho com vinte e três anos está prestes a concluir o curso de Letras Libras também na Universidade Federal do Tocantins.

² Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa. Informações extraídas do site: <http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17436-prolibras-programa-nacional-para-a-certificacao-de-proficiencia-no-uso-e-ensino-da-lingua-brasileira-de-sinais-libras-e-para-a-certificacao-de-proficiencia-em-traducao-e-interpretacao-da-libraslingua-portuguesa-novo>. Acessado em 20/01/2020.

A experiência com a Libras abriu um canal para compartilharmos uma língua comum e para a transmissão dos valores familiares, mas além disso, estudos linguísticos mais consistentes permitiram melhor compreensão do conceito de língua e de seu papel determinante nas relações humanas, nas interações com o mundo, na transmissão de conhecimentos, e na expressão de emoções e pensamentos.

A partir de então, me dediquei ao estudo da Libras e pude ampliar meus conhecimentos acerca do conceito de língua, e dessa forma, compreendê-la enquanto constitutiva do ser humano (SACKS, 1990) e enquanto realidade mental que se confunde com o próprio pensamento BIDERMAN (2001).

Sabemos que o Brasil tem a Língua Portuguesa como idioma oficial, e a Libras foi reconhecida como meio legítimo de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras (BRASIL, 1988/ 2002).

Além disso, a Libras é a primeira língua (ou língua materna) dos sujeitos surdos³ (BRASIL, 2005). Ela tem sua organização baseada nos gestos e sinais corporais e faciais e possui modalidade visual-espacial⁴, além de aspectos gramaticais sintáticos, semânticos e pragmáticos semelhante a qualquer língua estruturada (FERREIRA BRITO, 1995; FELIPE, 1998; QUADROS, KARNOOP, 2004). A Libras também apresenta variações de diferentes tipos e ordens. Ela é uma língua dinâmica, que acompanha as evoluções sociais e tecnológicas (QUADROS, 1994). Conseqüentemente, apresenta as mesmas propriedades de ampliação lexical das demais línguas.

Dessa forma, os surdos brasileiros possuem língua, cultura e identidade e por isso podem ser considerados sujeitos bilíngues e multiculturais. E além disso, são parte de uma sociedade nacional e partilham da cultura das pessoas ouvintes do seu país (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, p. 111). E o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, a compreensão de mundo, o acesso ao conhecimento à cultura, lazer e aos aspectos socioeconômicos se efetivam por meio da Libras. Conforme a afirmação:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2009 p. 47).

³ O termo 'surdo' é usado para elucidar uma diferença linguística e cultural. Essa diferença recai sobre uma forma peculiar de apreender o mundo por meio de experiências visuais, e uma forma específica de expressar-se em uma língua própria, longe da ideia de deficiência (PERLIN, 2005).

⁴ Segundo Ferreira Brito (1995, p.29).

A autora argumenta que o domínio desse sistema linguístico é o passaporte de acesso à construção de sua identidade, ao conhecimento de mundo que o levará e a sua autonomia e à aquisição do português na modalidade escrita.

O reconhecimento legal da Libras enquanto língua é parte de uma conquista da comunidade surda brasileira. Há indicativos históricos e bibliográficos dessa e de outras conquistas legais do país envolvendo os surdos brasileiros, que são políticas linguísticas relacionadas à Libras e aos sujeitos surdos, dentre as quais destacamos a Lei nº 10.436, de 24/04/2002, conhecida como Lei de Libras, o Decreto Federal nº 5.626 de 22/12/2005 que regulamenta a Lei de Libras, a Lei nº 13.146 de 06/07/2015 conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência que visa a inclusão social e cidadania dessas pessoas e a Lei nº 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e também contempla a garantia a educação básica.

A nível estadual temos o Plano Estadual de Educação do Tocantins⁵, que aborda questões como o apoio aos Municípios e às escolas privadas na implantação de centros de atendimento educacional especializado (AEE), professores(as) auxiliares, tradutores(as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdocegos (as), professores (as) de Libras, prioritariamente surdos(as), a oferta, gradativa e efetiva, da disciplina Libras, no currículo das escolas públicas e privadas do sistema estadual de ensino, em todas as etapas e modalidades da educação básica, além de prover as escolas com profissionais habilitados para atuação na educação bilíngue em Libras, como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua.

Tais instrumentos legais exigem a implementação de políticas linguísticas que envolvem o ensino de Libras, como primeira língua e como segunda língua, acessibilidade com a presença de intérpretes, acesso a informações em Libras, formação de professores de Libras, formação de intérpretes de Libras, formação de professores bilíngues, dentre outras ações. Dessa forma, conhecer instancias sobre o processo de formação de novos sinais, sobretudo no contexto acadêmico, é de fundamental importância para a implementação dessas políticas linguísticas. Daí a justificativa para a realização desse trabalho.

De posse de todas essas informações, e com base nos pressupostos teóricos de que (i) o acervo lexical de uma língua viva se renova constantemente, e que (ii) os usuários de uma língua criam e inserem novos termos em sua comunicação que são provenientes da língua em uso; nos propomos a investigar como se dá o processo de criação de novas Unidades Lexicais

⁵ Lei nº 2.977 de 08/07/2015. Diretrizes Específicas, Metas e Estratégias. Extraído do site: <https://seduc.to.gov.br/plano-estadual-de-educacao---pee/>. Acessado em 20/01/2020.

Sinalizadas (ULS) em Libras. E com base nas teorias elencadas para o trabalho, efetuamos as análises dessas ULS. As teorias foram lexicologia, com Alves (1994), Biderman (2001), sociolinguística com Preti (1974), Ferreira Brito (1995) Quadros (2004), Strobel (2008) Skliar (1997), Sacks (1990), morfologia com Castro Junior, (2011), Jonhson e Schembri (1999), Zeshan (2003) Felipe (2006), além de políticas públicas que compreendem a Libras enquanto sistema linguístico sistematizado no Brasil (2002, 2005), nos guiaram nesse percurso.

Em suma, esse trabalho se debruçou sobre o levantamento e análise de novas ULS em Libras, e por isso, o universo da pesquisa se deu em uma comunidade surda, ambiente esse composto por pessoas surdas e ouvintes sinalizantes da Libras.

Selecionamos como público alvo, a comunidade do curso Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus de Porto Nacional, uma universidade pioneira no estado a ofertar esse curso, que visa a formação de professores de Libras para atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Local cuja presença de jovens surdos é acentuada, o que reflete na utilização de vídeos em Libras para seus registros, para privilegiar a modalidade da língua. Conseqüentemente, um ambiente favorável ao uso e circulação de recursos como renovação lexical. Ou seja, um potencial ambiente de respostas ao nosso problema de pesquisa.

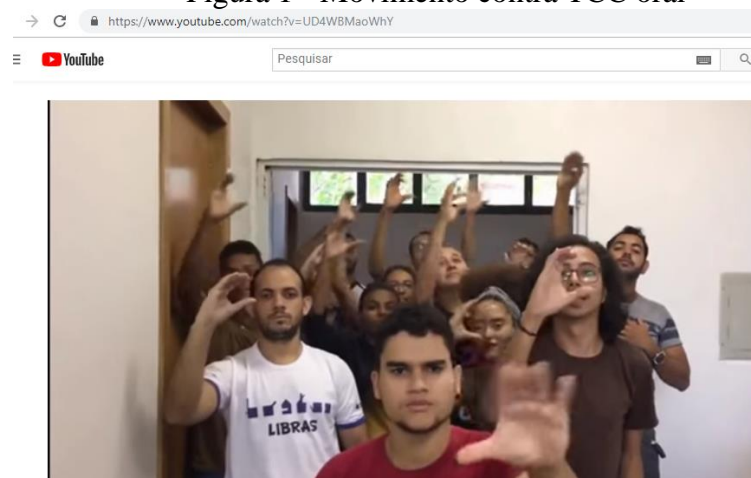
De posse dessas informações, nos debruçamos a buscar informações mais detalhadas do nosso público alvo. Nessas buscas descobrimos que estavam acontecendo no campus de Porto Nacional, as apresentações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) por ocasião integralização curricular e formatura da primeira turma do curso de Letras Libras que iniciou no ano de 2015⁶,

Conforme mencionado anteriormente, o curso atende alunos surdos e alunos ouvintes em seu quadro discente. O fato de alguns acadêmicos ouvintes estarem apresentando seus TCCs em português, por meio da oralidade estava gerando polêmica entre alguns deles. O acontecimento suscitou uma espécie de luta política de alguns acadêmicos surdos que para demonstrar sua insatisfação com a situação, protagonizaram um movimento contra esse tipo de apresentação e em favor do prestígio e valorização de sua língua. O grupo alegava em suas reivindicações que no curso de Letras Libras, o ouvintismo⁷ deve ser combatido, e a Libras prestigiada. Convém ressaltar que parte das ULS analisadas nesse trabalho estão relacionadas a este evento. Segue imagem extraída do vídeo da manifestação dos surdos.

⁶<https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/24708-primeira-turma-de-libras-da-uft-recebe-outorga-de-grau>

⁷ Ouvintismo é a posição de superioridade do ouvinte em relação ao surdo. Do ponto de vista acadêmico, o ouvintismo significa o estudo do surdo sob o viés da deficiência, da necessidade de normalização ou clinicalização. (Perlin, 1998).

Figura 1 - Movimento contra TCC oral



Fonte: Plataforma Youtube⁸

Esse e outros vídeos foram produzidos para explicitar indignação ante a este feito. Trata-se de uma reivindicação de um grupo de acadêmicos surdos para que a apresentação de TCC dos acadêmicos ouvintes acontecesse de forma sinalizada em Libras e não por meio da oralidade.

Esses vídeos foram publicados nas redes sociais, e o que nos causou interesse ao assistirmos os vídeos foi o fato de encontrarmos expressões com possíveis respostas ao nosso objeto de estudo. Nos propomos então a investigar⁹ vídeos divulgados nas redes sociais como *instagram*, *youtube*, *facebook*, e grupos de *whatsapp*, que abrangiam o tema.

A verdade é que os surdos estão ocupando novos espaços, e um deles é o ambiente universitário. Devido a esses fatores, as informações também circulam em Libras. Conseqüentemente, vídeos nessa língua são produzidos para diferentes fins como disseminação de conhecimentos, promoção da acessibilidade ao ensino ao conhecimento e a comunicação em pequenos grupos, e muitos desses vídeos se tornam públicos e institucionais.

Além disso, o advento da internet impulsionou a criação das comunidades virtuais em que os grupos com interesses comuns se utilizam de meios como as redes sociais para trocas de informações e discussões, como é o caso dos surdos que, por meio de seus vídeos produzidos, abordam assuntos de interesses das comunidades surdas, a socialização de sinais, interesses profissionais da categoria, e uma vasta gama de outros, minimizando as barreiras de espaço e tempo, por exemplo.

⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY>

⁹ A busca pelos vídeos, a escolha deles, e as análises aconteceram no período de setembro de 2018 a janeiro de 2019. Nesse período, nos debruçamos exclusivamente a um único vídeo da plataforma *youtube*, por se tratar de um compilado.

Na plataforma *YouTube*, em que vídeos são compartilhados pelos usuários já podemos encontrar canais informativos em que surdos produzem seus vídeos para diferentes fins. Segue a imagem de um desses canais em que dois irmãos surdos divulgam informações pertinentes sobre a cultura, sobre o mundo dos surdos, e sobre a surdez e suas implicações.

Figura 2 – Canal Visurdo

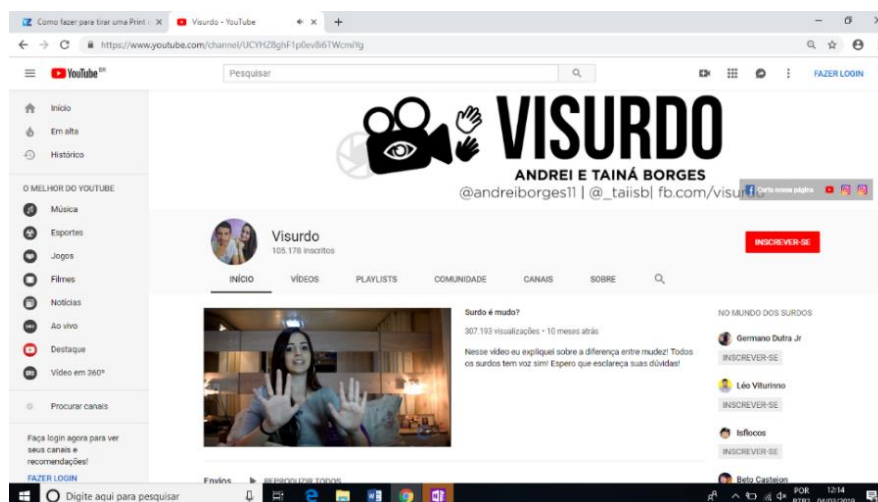


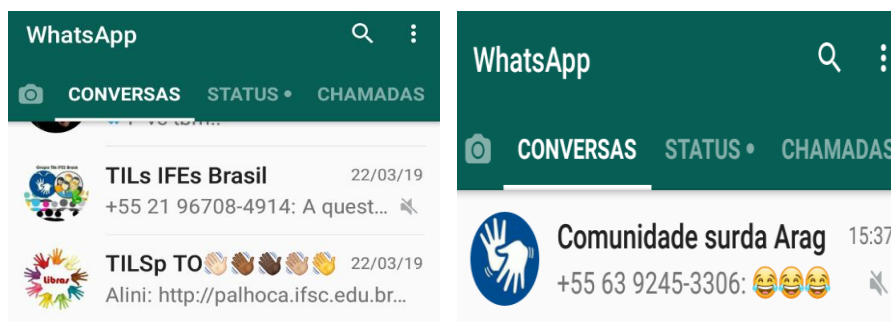
Figura 2 – Canal Visurdo Fonte: Plataforma *Youtube*¹⁰

Outra ferramenta que vem sendo usada pelas comunidades surdas são os grupos de *WhatsApp*, criados para troca de informações, socialização de sinais e descobertas concernentes ao grupo. Nesse contexto, é comum o uso de vídeos em Libras.

Segue a imagem de três desses grupos dos quais participamos: dois enquanto categoria profissional e um enquanto membro da comunidade surda de Araguaína – Tocantins. O primeiro grupo de cunho nacional e intitulado “TILs IFEs Brasil”. O segundo grupo diz respeito à mesma categoria profissional, sendo de abrangência estadual e intitulado “TILSp TO”. O terceiro grupo, ilustrado à direita da imagem, é composto por alguns membros da comunidade surda de Araguaína – Tocantins, intitulado “Comunidade surda Arag”.

Figura 3 – Grupos de *WhatsApp*

¹⁰ <https://www.youtube.com/channel/UCYH28ghF1p0ev8i6TWcmiYg> Acesso em 20/10/2019.



Fonte: Acervo Pessoal.

Os surdos se utilizam também das comunidades na plataforma do *Facebook* para criar seus grupos. Segue a imagem de um desses grupos dos quais também fazemos parte. Trata-se do grupo denominado “Reflexão de Vida em Libras”, no qual é possível encontrar vídeos em Libras abordando assuntos dos mais diversos, tais como política, legislação, direitos dos surdos, dicas pessoais de higiene, saúde da mulher, relacionamentos, dentre outros.

Figura 4 – Comunidade de surdos *Facebook*



Fonte: plataforma *Facebook*.

Essas comunidades virtuais são exemplos que demonstram o uso da internet e das redes sociais na atualidade para formar grupos e comunidades com interesses comuns no contexto dos surdos.

E como esse trabalho lida com materiais disponíveis na internet e em redes sociais, adotamos como diretriz metodológica a pesquisa bibliográfica (GIL, 1991). Mas além disso, entrevistas foram realizadas com surdos membros da comunidade alvo da pesquisa para validação dos sinais.

Nesse sentido, os objetivos desse trabalho incluem (i) investigar a criação de novas Unidades Lexicais Sinalizadas (ULS), (ii) apontar os principais processos morfológicos observados na criação de novas ULS, (iii) analisar os principais processos morfológicos observados na criação de novas ULS e (iv) descrever os fatores motivacionais observados no processo de criação de novas ULS.

Mais especificamente, a proposta foi: (i) identificar novas ULS que surgem no contexto acadêmico do curso Letras e as que emergiram do movimento contra o TCC oral; (ii) descrever o processo de criação delas e (iii) fazer um levantamento acerca do processo criação desses sinais, inclusive dos aspectos motivacionais.

Os questionamentos que impulsionaram a realização desse trabalho foram:

- A partir de uma unidade léxica da Libras, pode-se criar uma nova ULS? Ou ainda é possível criar uma nova ULS sem influência de uma preexistente? Como se dão esses processos?

- Dá para extrair novos sinais em mídias produzidas em Libras por surdos de maneira a formar um corpus?

- Existem fatores que podem ser considerados motivacionais para a criação de uma nova ULS?

A dissertação está dividida em quatro capítulos. Na introdução do trabalho apresentamos as perguntas da pesquisa, os objetivos, a justificativa e o recorte do trabalho.

No primeiro capítulo apresentamos as conquistas da comunidade surda brasileira

O segundo capítulo traz as teorias que nos respaldam e nos dão subsídios, a saber, lexicologia, sociolinguística e morfologia, apresentando conceitos como neologismos, variação e gírias, além de um apanhado acerca dos processos de formação de palavras em português e em Libras.

No Terceiro capítulo descrevemos os procedimentos adotados na realização da pesquisa, o contexto e a trajetória de geração, apresentação e análise dos dados.

No quarto capítulo apresentamos os resultados e discussões, e finalizamos com as considerações finais onde deferimos as reflexões acerca do trabalho.

1. CONQUISTAS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA

Buscamos nesse capítulo apresentar as conquistas da comunidade surda brasileira, a partir de uma série de documentos nacionais e internacionais que determinam a implementação de políticas linguísticas e educacionais voltadas a esse público.

São ações afirmativas em defesa dos direitos dos surdos, fundamentados também nos direitos humanos, cabendo a sociedade e instituições de ensino organizarem-se no sentido de oferecer condições necessárias para a inclusão social e pedagógica desses sujeitos, como a acessibilidade linguística e comunicativa que se estabelece a partir do reconhecimento de sua língua, e desencadeia questões políticas, históricas e culturais.

Iniciaremos apresentando as políticas públicas e legislações que discursam a favor dos surdos, em seguida a implementação dessas políticas.

1.1 – Políticas em relação à Libras: ganhos na legislação

Abordaremos nessa seção documentos legais que viabilizam a inclusão social dos sujeitos surdos, especialmente no que tange a educação, e documentos que abrangem as políticas linguísticas de apropriação de uma língua, e os direitos linguísticos de minorias.

Do ponto de vista legal já existem leis, decretos e acordos internacionais que reconhecem a singularidade linguística dos surdos. Documentos como a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990), a Declaração de Salamanca (1994), e a Declaração universal dos direitos linguísticos (1996). São documentos que reconhecem os direitos sociais educacionais e linguísticos como fundamentais ao homem, e garantem o direito ao acesso e permanência na escola.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – nº 9394/1996, que pôs fim a segregação outrora vigente em que os surdos e demais pessoas com deficiências estudavam em classes separadas, e a partir dela, passaram a fazer parte das classes comuns do ensino. A referida lei expressa que a educação escolar seja oferecida preferencialmente na rede regular de ensino. O documento orienta a inserção das crianças surdas em salas de aulas do sistema regular de ensino, público ou privado, bem como a inserção do intérprete de Libras como forma de atender as necessidades de acesso aos conhecimentos.

Em seguida, foi criada a lei nº 10.098/2000 contendo as normas gerais e critérios para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência, mais conhecida como Lei da Acessibilidade. No que tange a surdez, ela prevê em seu artigo VII, a eliminação de barreiras na comunicação, garantindo o acesso a informação. A partir dessa lei, passou a vigorar a janela com a presença do intérprete no canto da televisão em pronunciamentos e afins.

A trajetória de avanços legais tem continuidade com a criação da lei 10.436/2002 que reconheceu a Libras como meio legal de comunicação, expressão, e de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, cujo sistema linguístico possui natureza visual-motora, e estrutura gramatical própria.

Logo após, a portaria 3284/2003, que dispõe sobre os requisitos de acessibilidade de pessoas com deficiências. No que tange os surdos, ela recomenda que, sempre que necessário, haver um intérprete de Libras durante a realização e revisão de provas, complementando a

avaliação expressa em texto escrito pelo aluno surdo, na medida em que este não tenha expressado o real conhecimento do aluno.

A portaria prevê também a adoção de flexibilidade na correção das provas escritas, como redação e questões discursivas de candidatos surdos sejam corrigidas de forma diferenciada de alunos surdos, valorizando o conteúdo semântico.

Outro documento é o Decreto 5.626/2005 que regulamenta a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Ele instituiu a Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professor e no de fonoaudiologia, e prescreve que as escolas, durante a verificação de rendimentos de seus alunos surdos, especialmente na correção das provas escritas, adotem mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado da língua portuguesa como segunda língua, Além disso, o decreto veio assegurar:

a) Libras como língua de instrução dos surdos e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua;

b) Presença de tradutor/intérprete de libras nas salas de aula de surdos desde as series iniciais;

c) Formação de professores e intérpretes de Libras, suas atribuições;

d) Professores de Libras prioritariamente surdos;

e) Escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

f) Orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa.

São algumas garantias previstas no decreto relacionadas a educação, mas há garantias para outros contextos diferentes do educacional, são elas:

a) Os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, e as empresas concessionárias e permissionárias de serviços públicos federais deverão publicar em seus sítios eletrônicos, inclusive em formato de vídeo em Libras, e em suas cartas de serviço as formas de atendimento disponibilizadas para as pessoas surdas ou com deficiência auditiva;

b) Apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação;

c) Atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação;

d) Instituições de que trata o **caput** deverão dispor de, no mínimo, cinco por cento de servidores, funcionários ou empregados com capacitação básica em Libras.

Como vimos, esses são trechos extraídos do decreto que priorizam a Libras como língua de instrução dos surdos, e cujas propostas visam minimizar as barreiras linguísticas enfrentadas pelos surdos.

O decreto 6.949/2009 que promulga a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, cujo lema é “nada pra nós sem nós”, é outro importante documento que considera que essas pessoas devem ter a oportunidade de participar ativamente das decisões relativas a programas e políticas que lhes dizem respeito diretamente.

Já em 2010, a lei nº 12.319 regulamentou a profissão do tradutor/ intérprete¹¹ de Libras e também contribuiu para o fortalecimento da comunidade surda brasileira.

O Plano Nacional de Educação (PNE) por intermédio da Lei 13005/2014 determinou ao poder público garantir a oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e o português escrito como segunda em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas.

A formação de professores de Libras e tradutores/ intérpretes pelo Programa Viver Sem Limites, lançado em 2013, com a abertura de cursos de graduação em Letras Libras em todos os Estados da federação¹².

Além disso, o Relatório do Grupo de Trabalho (MEC/SECADI, 2014) contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, propõe que a educação para surdos não faça parte educação inclusiva, mas de uma diretoria de políticas educacionais bilíngues e multiculturais. De acordo com o documento, a educação bilíngue é regular, em Libras, e não faz parte do atendimento educacional especializado (AEE).

Outro documento que aborda a Libras e questões relacionadas aos surdos é a lei nº 13.146/2015 a lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Nele estão previstos:

¹¹ Pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita). (QUADROS, 2004 p. 11).

¹² Cartilha de divulgação do Programa Viver sem Limites, sobre o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Governo Federal. Disponível em: <<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/633.pdf>>. Acessado em 26 de setembro de 2018.

a) Oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas;

b) Formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio;

c) Oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação.

d) Acessibilidade de comunicação em todas as etapas do processo de habilitação de Carteira Nacional de Habilitação (CNH) pelo uso de tecnologias assistivas e material didático acessível em Libras e presença de intérprete de Libras em aulas práticas e teóricas.

Outro importante documento que trata do uso de tecnologias assistivas voltadas aos sujeitos surdos, é o decreto nº 9.508/2018 prevê adaptações de provas em concursos públicos e em processos seletivos por intermédio de:

a) prova gravada em vídeo por fiscal intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras, nos termos do disposto na Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 preferencialmente com habilitação no exame de proficiência do Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa – Prolibras.

Esse trecho do decreto apresenta dois direitos fundamentais dos surdos que são as videoprovas em Libras e o tradutor/ intérprete de Libras.

A presença de professor surdo também é uma dessas garantias, e está prevista no documento “Saberes e práticas da Inclusão.”

A presença de educadores surdos é imprescindível no processo educacional, atuando como modelos de identificação linguístico-cultural e exercendo funções e papéis significativos. (BRASIL, 2006, p. 71)

O documento também sugere que na educação de surdos o professor trabalhe além das questões linguísticas e culturais, questões inerentes ao respeito e valorização das diferenças, e não apenas a presença de professores surdos.

Esse apanhado histórico demonstra que o Brasil ascendeu em relação as políticas públicas voltadas para a área da educação, saúde, e acessibilidade linguística dos surdos, com propostas que visam o reconhecimento dos seus direitos enfatizando a condição bilíngue destes, sempre norteados pela Libras. No tópico seguinte apresentaremos essas políticas públicas, e

seus efeitos no cenário educacional dos surdos que também são frutos das incessantes lutas da comunidade surda brasileira.

1.2 Planejamento em relação à Libras: implementação de ações

Apresentaremos um breve apanhado histórico dos surdos, como foram vistos e tratados nos últimos séculos. E esse resgate histórico tem como finalidade provocar reflexões e questionamentos acerca do papel dos surdos na sociedade passada, em analogia com o presente.

De acordo com Sacks (1990), na antiguidade os surdos eram considerados como seres castigados pelos deuses e eram lançados a própria sorte, ou à fúria dos deuses e sofriam infanticídios.

A língua (oral) era considerada a base da formação do sujeito e instrumento principal de acesso às diferentes situações das práticas cotidianas e exercício da cidadania. Dessa forma, a afirmação relata como os surdos não tinham vez ou voz:

[...] foram julgados “estúpidos” por milhares de anos e considerados “incapazes” pela lei ignorante – incapazes para herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução, ter um trabalho adequadamente estimulante – e que lhes foram negados direitos humanos fundamentais [...] (SACKS, 1990, p. 20).

Em 1960, as descobertas do linguista William Stokoe, um professor de inglês da Gallaudet University, o primeiro linguista a perceber as características gramaticais da Língua de Sinais Americana (ASL), sua completude e legitimidade enquanto língua, sendo dessa forma considerado o pai da linguística dessa língua. Seus estudos contribuíram para o prestígio da ASL, especialmente, ao equipará-la a qualquer outro sistema linguístico.

Mudanças de paradigmas a partir de então passaram a acontecer no mundo todo, e os surdos aos poucos foram conquistando seus espaços. As comunidades surdas¹³ diante de muita luta alcançaram conquistas das mais diversas contrapondo as repressões outrora sofridas.

No Brasil, de acordo com Perlin (2002), a educação de surdos passou a ser repensada com a vinda do professor surdo Ernest Huet em 1855. Discípulo de L’Epée, o professor Huet veio para o Brasil para fundar uma escola para surdos. E no ano de 1857 seu sonho se concretizou com a fundação do Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, atualmente como o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, na cidade do Rio de Janeiro, que passou a

¹³ Uma comunidade surda não é formada apenas por surdos como se pressupõe. Ouvintes que sabem Libras e intérpretes também fazem parte da comunidade surda. (Perlin, 1998).

ser referência nacional na educação de surdos. Leite (2005) relata que as famílias de surdos de todas as cidades do Brasil, levavam os jovens para estudar nesse instituto em regime de internato, já que não haviam escolas para surdos em outros estados, retornando para seus estados no período de férias.

O regresso de alunos do INES aos seus estados de origem, contribuiu, dessa forma para o fortalecimento e desenvolvimento da língua de sinais e para a criação das associações de surdos que passaram a ser espaços de convívio dessas comunidades (LEITE, 2005).

Em 1984, foi criada a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos – CBDS – com o propósito de promover esportes para surdos na cidade de Santos, SP. A instituição passou a promover, desde então a inclusão social das pessoas surdas por meio dos esportes com a realização de competições a nível local, regional e nacional em diferentes modalidades esportivas. Consta em seus registros de aproximadamente dois mil surdoatletas¹⁴, e alguns títulos inclusive internacionais.

Em 1987 foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS com o intuito de sistematizar a organização das associações de surdos como espaços também para a aquisição da Libras. Mas, além disso, congressos e seminários também passaram a ser mais frequentes e a promoção da atuação do intérprete de Libras enquanto profissão, que até então era vista mais pela ótica assistencialista (LEITE, 2005).

Uma importante conquista para a comunidade surda brasileira foi a criação do primeiro curso de graduação em Letras Libras (licenciatura), no ano de 2006. Uma iniciativa do governo federal em cumprimento a legislação vigente (decreto 5.626/2005), que sugere a inserção do professor de Libras no contexto educacional.

O governo federal, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e também outras instituições, possibilitou a oferta do curso inicialmente na modalidade a distância para nove polos de ensino em diferentes estados, atendendo 495 alunos, a maioria surdos. A proposta foi ampliada em 2008 com a criação do curso de Letras Libras (bacharelado) também na modalidade a distância. Dessa forma, foram formados profissionais para o ensino e para a tradução / interpretação de Libras em todo o território brasileiro¹⁵. Em 2009, as UFSC e a Universidade Federal de Goiás (UFG) passaram a ofertar o curso na modalidade presencial.

¹⁴ Informações extraídas do site: http://cbds.org.br/?page_id=257. Acessado em 15/09/2018.

¹⁵ No ano de 2010, 389 alunos, surdos e ouvintes, finalizaram a licenciatura. E em 2012, 690 alunos, surdos e ouvintes, concluíram a licenciatura (378 alunos) e o bacharelado (312 alunos). Portanto, o curso de Letras Libras EaD da UFSC, licenciatura e bacharelado, em parceria com diversas instituições de todo o Brasil, já formou mais de 1.000 profissionais em todo território nacional, tanto professores de Libras quanto tradutores e intérpretes de Libras-Português. Extraído de: <https://libras.ufsc.br/libras-distancia/>. Acessado em 15/09/2018.

Anos depois, houve uma expansão significativa de cursos de Letras Libras, tanto licenciatura quanto bacharelado, na modalidade presencial em diversos estados. (QUADROS & STUMPF, 2014).

Ressaltamos que os cursos de Letras Libras bacharelado visam a formação de tradutores e intérpretes de Libras para Português e vice-versa. A UFG, a UFSC e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) são algumas das instituições que ofertam esse curso.

O Tocantins é um dos estados que já dispõe do curso de Letras Libras (licenciatura) ofertado pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, na cidade de Porto Nacional. O Projeto Político de Curso (PPC) foi elaborado em 2013, e no primeiro semestre de 2015 iniciou a primeira turma. O curso oferta 30 (trinta) vagas anuais, sendo 18 (dezoito) para candidatos surdos, e 12 para candidatos ouvintes a forma de ingresso no curso é por meio de vestibular cujo certame envolve questões sobre Libras. O campus de Porto Nacional possui em seu quadro de professores o quantitativo de nove professores surdos. Além disso, dispõe de outros quatro professores surdos em outros campus colocando-a entre as universidades do Brasil com o maior número de professores surdos efetivos.

O campus de Porto Nacional possui ainda o Programa de Pós-graduação em Letras, com uma linha de pesquisa intitulada Língua Brasileira de Sinais. O processo seletivo de candidatos para esta linha de pesquisa apresenta uma bibliografia específica. Os candidatos surdos tem o acesso às provas e a opção de responder às questões do certame em língua de sinais (CARNEIRO, et. al. 2019).

A Universidade Federal do Tocantins também disponibiliza versão de alguns dos editais para o vestibular do curso de Letras Libras, o que representa igualdade de direitos aos surdos que tem a oportunidade de o fazerem em sua primeira língua.

Figura 5 - Divulgação do primeiro vestibular Letras Libras e prova do vestibular 2015.



Fonte: Plataforma *Youtube*¹⁶

Além disso, o curso promove a produção e a democratização de conhecimentos na área de ensino da Libras e concede diploma de Licenciado com habilitação para o ensino de Libras como primeira e segunda língua.¹⁷ Dessa forma, o espaço do campus de Porto Nacional é considerado um lugar de pertencimento e prestígio da Libras, conforme afirmação:

Este é o lugar em que não há barreiras de comunicação, não há deficiência. Assim, o lugar de funcionamento do curso de Letras Libras se torna um lugar de pertencimento. O espaço ocupado pelos surdos, dentro da UFT, é atrelado a questões afetivas. Os alunos surdos entrevistados para este trabalho mencionam que isso acontece pela presença de referências surdas e pela circulação intensa de informações em libras. O ambiente também é agradável para os ouvintes, pois podem se aproximar da língua de sinais e do universo surdo, a partir da perspectiva da diferença. Além disso, é um local em que o conhecimento é produzido em uma epistemologia surda. A seguir, recortamos trechos de alguns dos depoimentos (CARNEIRO et al., 2019, p. 19).

Ainda no estado do Tocantins, outro importante acontecimento foi a inclusão da disciplina de Libras pela Prefeitura de Porto Nacional em seu histórico escolar, com o objetivo de promover a inclusão social, que tornou-se a única cidade do Tocantins a ter em sua estrutura curricular essa disciplina.

Outro ganho foi a criação do curso de pedagogia bilíngue, visando a formação de profissionais bilíngues (Libras /Português) para atuarem na educação infantil e séries iniciais. O Instituto Federal de Goiás (IFG) Campus de Aparecida de Goiânia – GO e o Campus Palhoça Bilíngue – Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC são algumas das instituições que ofertam o curso nas modalidades presencial e a distância com encontros mensais/ quinzenais. O INES também oferta o curso tanto na modalidade presencial como na Educação a Distância (EaD).

Como vemos, as políticas de formação profissional apresentadas até aqui, abrangem a formação de professores de Libras para as séries finais do ensino fundamental e ensino médio, de professores bilíngues para as séries iniciais e para a educação infantil, e de formação de tradutores e intérpretes de Libras.

Um avanço considerado de grande relevância e conforto linguístico para a comunidade surda foi o fato do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) disponibilizar pela primeira vez no ano de 2017, versão em Libras da prova do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

¹⁶ Imagens extraídas do site: <http://ww2.uft.edu.br/ultimas-noticias/13859-inscricoes-para-o-primeiro-vestibular-do-curso-de-letras-libras-comecam-dia-26> e <https://www.youtube.com/watch?v=QQ9HgkWLz4M>. Acessados em 20/09/2018.

¹⁷ Informações extraídas de <https://ww2.uft.edu.br/index.php/letras-libras/apresentacao>. Acessado em: 12/01/2019.

Com isso, os candidatos surdos puderam assistir as questões traduzidas para Libras (vídeo), além do caderno de provas em língua portuguesa.

Figura 6 – Videoprova traduzida em Libras ENEM 2017



Fonte: Plataforma *Youtube*¹⁸

Foram criadas também as escolas bilíngues Libras/português cuja língua de instrução é a Libras e a língua portuguesa na modalidade escrita, é trabalhada como segunda língua. As cidades de Taguatinga (DF) e Imperatriz (MA) - já dispõem dessas escolas.

Lembrando que há uma distinção entre ensino bilíngue e escolas bilíngues, de acordo com Lacerda (2013), o ensino bilíngue pode ser implementado em escolas inclusivas, classes bilíngues e escolas bilíngues. A autora descreve a implementação de ensino bilíngue em escolas inclusivas, em algumas cidades de São Paulo – SP, em escolas polos para surdos, (abertas a ouvintes), com uma série de ações que prestigiam a Libras enquanto língua de instrução. Ela nomeia o fenômeno de Educação Inclusiva Bilíngue.

Dessa forma, a Libras no contexto atual brasileiro, se tornou uma língua acadêmica, e já existem teses e dissertações publicadas em Libras (vídeo), há também artigos publicados em vídeos¹⁹, no sistema de escrita SignWriting²⁰ (SW) e em Elis²¹.

Além disso, o Brasil já conta com muitos professores surdos em Instituições Federais de Ensino Superior (como é o caso da UFT, que possui 13 professores surdos no total, em todo

¹⁸ Imagem extraída do site: <https://www.youtube.com/watch?v=2fJH3VIYCo>. Acessado em 20/05/2020.

¹⁹ Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras. Disponível no site: <https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>

²⁰ O *SignWriting*, ou *Escrita de Sinais*, é um sistema de registro gráfico das línguas gestuais. “(...) o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. Texto extraído do site: <https://culturasurda.net/2012/10/17/signwriting/> em 20/08/2020.

²¹ ELiS é a sigla para Escrita das Línguas de Sinais. Esse sistema de escrita foi criado por Barros(1998) em dissertação de mestrado, e aperfeiçoado em seu doutorado (2008). Informações extraídas do site: <file:///C:/Users/Ciente/Downloads/38881-Texto%20do%20artigo-188989-1-10-20170122.pdf> em 20/08/2020.

o estado), além de alunos surdos na graduação e na Pós-Graduação. Muitas dissertações e teses estão sendo elaboradas abordando a Libras.

Todas são ações em consequência de uma política linguística de status e, conseqüentemente, de uma política linguística de corpus, e que geram uma demanda robusta de ampliação lexical da libras, de pesquisas descritivas e aplicadas, ofertas de cursos (em diferentes níveis), criação de dicionários, glossários, sistema de escrita, e tradução/interpretação. Daí a justificativa por mais pesquisas e estudos abordando o tema.

2. NEOLOGISMOS, GÍRIAS E VARIAÇÃO.

Aqui serão apresentadas as áreas envolvidas e teorias que deram embasamento e nortearam essa pesquisa, que são a sociolinguística a lexicologia, e a morfologia. São áreas da linguística que compreendem (i) as mudanças e variações da língua, (ii) as transformações sociais e o fenômeno sociolinguístico da inserção de novos vocábulos em uma língua em contextos de diferentes grupos sociais, (iii) a estrutura interna dos sinais e (iv) as regras que determinam a sua formação.

A sociolinguística prescreve uma relação entre língua e sociedade. Nessa perspectiva, os processos que envolvem a compreensão da língua enquanto sistema heterogêneo, se manifestam em contextos sociais LABOV (2008).

Apresentaremos inicialmente alguns conceitos pertinentes aos preceitos postulados na pesquisa que darão embasamento para a classificação das expressões elencadas para análise.

Teoricamente faremos a distinção entre neologismos, gírias e variação apresentando preceitos teóricos que envolvem a temática nas línguas orais e nas línguas de sinais.

Apoiamo-nos em teóricos como Biderman (2001), Preti (1974), Dubois (1973), Alves (1994, 2007), que são autores da área da sociolinguística e lexicologia da língua portuguesa; Felipe (2006), Quadros e Karnoop (2004), Faria-Nascimento (2013), McCleary e Viotti (2011), Faulstich (1995), e Felipe (2006), autores que abordam a morfologia, sociolinguística e lexicologia da Libras.

2.1. Neologismos

Os usuários de uma língua criam novos matizes metafóricos e metonímicos para palavras velhas, inventam novas formas que eles julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer. (BIDERMAN, 2001). A autora sustenta que a morte da língua é a única

circunstância capaz de fazer cristalizar um sistema lexical. Do contrário, o seu léxico se ampliará sempre, e a medida em que novos termos são inseridos, outros caem em desuso.

A partir desses pressupostos acerca do dinamismo de uma língua, surgem os neologismos, que é uma criação vocabular nova, incorporada à língua. BIDERMAN (2001).

Dubois (1973, p. 430) compreende que esse processo prevê não apenas a criação de palavras novas, mas também um novo significado aquelas preexistentes. Alves (2007) reconhece o processo de criação como neologia, e o fruto do processo, a novo termo como neologismo.

Já de acordo com Alves (1994), o acervo lexical de uma língua viva se renova constantemente e os usuários de uma língua vão criando e inserindo novos termos em sua comunicação, que são denominados neologismos. E esses novos vocábulos são provenientes da língua em uso, e surgem espontaneamente. São termos que passam a fazer parte do vocabulário de uma língua sem que estejam dicionarizados. A autora em seus estudos relacionados a língua portuguesa, pontua que nessa língua, a ampliação lexical se dá a partir de mecanismos oriundos do latim como a derivação e composição, mas além disso, ocorre por meio de empréstimos linguísticos e culturais advindos do contato com outros povos, sobretudo da língua inglesa, nos domínios técnicos e científicos.

Alves (1994) classifica os neologismos da língua portuguesa como fonológicos, sintáticos, semânticos e por empréstimo, e exemplifica cada um deles, com base em dados da imprensa contemporânea, que segundo ela, é um potencial meio de socialização dos neologismos por intermédio das novelas, revistas, jornais e programas.

- Fonológicos – neologismos cujos significados totalmente inéditos, mas podem surgir de uma relação analógica, ou seja, da junção de dois itens lexicais. Como exemplo desse tipo de neologismo ela apresenta o verbo *bebemorar*, resultante da associação entre as bases verbais *beber* e *comemorar*.

- Sintáticos – Supõem a combinatória já existentes no sistema linguístico. Eles estão subdivididos em: derivados, compostos, compostos sintagmáticos, ou formados por siglas ou acronímicos (ALVES, 1994).

E os neologismos derivados, que podem ser por derivação prefixal ou sufixal em bases substantivas e/ ou adjetivas. Seguem exemplos no esquemas.

Esquema 1 – Neologismos por Derivação Prefixal

Prefixos	Neologismos por Derivação Prefixal
----------	------------------------------------

<i>Anti-, não-, sem-, in-, pró-, super-, hiper-, ultra-, mega-,</i>	<i>Anticonjugal, anti-greve, não-hóspede, não-violento, sem-terra, sem-teto, incoincidência; contraplano, pró-familiar, superfaturar, hiperinflação; ultradireita; megacomemoração.</i>
---	---

Fonte: Alves (1994).

Esquema 2 – Neologismos por Derivação Sufixal

Sufixos	Neologismos por Derivação Sufixal
<i>ismo, -ista, -agem, -ção, -mento, -dor, -izar, -idade, -agem, -eiro</i>	<i>Achista, mau-caratismo, brizolista, favelização, enxugamento, recreador, tropicalidade, pistolagem, cirandeiro.</i>

Fonte: Alves (1994)

Os neologismos formados por composição surgem da junção de dois substantivos, um determinante, o outro determinado. Exemplo: político-galã e operação-desmonte. Ou podem ser formados a partir da justaposição de adjetivos, ou outra classe gramatical. Como em rítmico-harmônicas, outono-inverno (ALVES, 1994).

Os neologismos formados por siglas ou acronímia, tem o sintagma reduzido de maneira a simplificar a comunicação. Exemplos: *PC do B – Partido Comunista do Brasil; UDR – União Democrática Ruralista; CDBs – Certificados de Depósitos Bancários.*

- Semânticos – neologismos aos quais outros significados vão sendo atribuídos a uma base formal Alves (1994). Exemplo: ‘A garimpagem das fotos’.

- Neologismos por empréstimo – quando utilizam bases de outro idioma. Os estrangeirismos como são denominados pois, não fazem parte do acervo lexical do idioma. Eles são encontrados em vocabulários técnicos como no esporte, economia e informática. Exemplo: *pole-position; leasing; merchandising.* A autora sugere a grafia dos neologismos por meio de aspas (1), maiúsculas e itálico (2).

Os dados apresentados por Alves (1994), sobre a língua portuguesa, são exemplos de uma língua de modalidade oral-auditiva, mas já existem estudos morfológicos abrangendo as Línguas de Sinais (LS) também, tais como em Voghel (2005) sobre a Língua de Sinais Quebequense (LSQ), Johnston (2001) e Johnston e Schembri (1999) sobre a Língua de Sinais Australiana (Auslan) e Zeshan (2003) sobre a Língua de Sinais Indo-Paquistanesa (IPSL).

Na Libras também já existem estudos sistematizados sobre o tema, especialmente no estado do Tocantins, como é o caso de um trabalho recente sobre sinais criados para os campus

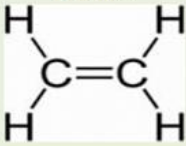


da Universidade Federal do Tocantins (UFT). O estudo realizou um levantamento desses sinais, descrevendo a motivação mas não se aprofundou na descrição dos processos morfológicos envolvidos, se ateuve aos aspectos motivacionais da criação de cada uma das ULS. Esse assunto será retomado na apresentação dos dados desse trabalho.

São estudos que revelam que a inserção do surdos em diferentes espaços como o meio acadêmico demanda a nomeação dos termos específicos da área, incluindo o vocabulário terminológico.

Além disso, em diferentes áreas das Ciências Humanas, Exatas e Biológicas, há termos que não possuem um sinal específico em Libras. Com isso, os tradutores intérpretes de Libras/português (TILSP) relatam que precisam recorrer aos empréstimos linguísticos do português por meio da datilologia ou soletração (CARDOSO, 2018).

Marinho (2016) em seu trabalho catalogou neologismos em Libras da área de Química, e elaborou fichas para demonstrar os dados do trabalho.

Figura 7 – Termo Ligação dupla em Libras.

ILUSTRAÇÃO				CONFIGURAÇÃO DE MÃO				
								
LINK: http://hidrocarbonetos.blogspot.com.br/2012/09/nomenclatura-de-hidrocarbonetos-alcenos.html								
SINAL: Termo Ligação Dupla								
								
PROCESSO MOTIVACIONAL: Icônico - Semântico								
CONFIGURAÇÃO DE MÃO	✓ CME (CMI = CMF)		✗ CME (CMI ≠ CMF)		✓ CMD (CMI = CMF)		✗ CMD (CMI ≠ CMF)	
	CM - ESQUERDA				CM - DIREITA			
TIPO DE MÃO	CMÍ	CMINT 1	CMINT 2	CMF	CMÍ	CMINT 1	CMINT 2	CMF
Passiva	-	-	-	Passiva	-	-	-	Passiva
CM	45	-	-	45	45	-	-	45
PA	Neutro	-	-	Neutro	Neutro	-	-	Neutro
OP	Para dentro	-	-	Para dentro	Para dentro	-	-	Para dentro
M	-	-	-	-	-	-	-	-
EF	Neutra	-	-	Neutra	Neutra	-	-	Neutra
EC	-	-	-	45	45	-	-	45

Fonte: Marinho (2016, p. 101).

São evidências que comprovam que o fenômeno neológico é comum a todas as línguas naturais.

Sobre a inserção de novas ULS em Libras, já existem estudos desenvolvidos por pesquisadores como também são teóricos que tratam do assunto. A partir desses teóricos, faremos uma explanação acerca do processo de formação dos sinais, que ao invés de fazer uso de um sistema discreto e recombinaivo, fazem uso do espaço de sinalização, da iconicidade, dos parâmetros e do corpo para a construção do significado.

A morfologia que estuda a estrutura interna das palavras/ sinais revelam que os sinais podem passar por processos sistemáticos ou não de mudanças de significado e de forma (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 86). Além disso, de acordo com a afirmação abaixo, o processo de inovação pode acontecer de diferentes formas:

Nas línguas sinalizadas, a criatividade parece estar, sobretudo, na utilização de diversas combinações, em diferentes graus, de partes linguísticas e partes gestuais para a criação de novas expressões, para a adição de qualificações às expressões, para a indicação do ponto de vista e afeto do sinalizador em relação aos referentes das expressões, para a descrição de lugares, objetos ou movimentos, para a narração de eventos e para a explicação de ideias. (MCCLEARY; VIOTTI, 2011, p. 290).

Felipe (2006) e Quadros e Karnopp (2004) pontuam que a Libras tem suas regras para criar sinais e organizá-los e reconhecem a existência de sinais invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbo ou de nome.

Para Quadros e Karnopp (2004), essa língua possui um sistema específico para a formação de suas unidades lexicais (denominados sinais) a partir de morfemas, porém de forma diferente das línguas orais, que criam palavras morfologicamente complexas.

Felipe (1998; 2002; 2006) pontua que no processo de formação de palavras, deve-se levar em conta os *inputs* (diferenças básicas entre as regras de modificação de raiz – que são as alterações sistemáticas de uma base por meio da adição ou supressão de afixos ou modificações internas) e as regras de composição – que é o conjunto de duas ou mais bases que se combinam em uma outra forma, a partir de outro elemento ou modificações concomitantes.

Faria-Nascimento (2013) em estudos sobre a morfologia da Língua de Sinais e da estrutura interna das ULS, analisou as formas dotadas de conteúdo e os processos empregados na combinação dessas unidades.

A autora pontua que pela diferença de modalidade, a morfologia das línguas de sinais tem características específicas que precisam ser descritas e analisadas. Para ela, os parâmetros Configuração – CM, Locação – L, Ponto de Articulação – PA e Movimento – M, Orientação da Palma da Mão – OP, e Expressões Faciais – EFs que são as unidades que se unem para construir uma ULS, tem sido categorizadas como fonológicas das línguas de sinais, que quando alterado, podem distinguir significados. Mas um parâmetro, muitas vezes além do traço distintivo, apresenta um significado, que é acrescido a unidade lexical a qual adiciona. Dessa feita, o ideal é categorizá-los como unidades fonomorfológicas ao invés de apenas fonológicas ou morfológicas. Faria-Nascimento (2013).

A autora também fala sobre os morfemas livres, que são unidades primitivas que servem de base ou complemento para a construção de novas unidades lexicais sinalizadas. E os morfemas presos, que são unidades dependentes de outras para se constituírem unidades lexicais independentes.

Estudos revelam que nas línguas de sinais existem processos de formação de palavras por expansão semântica de um item lexical da língua, por empréstimos do português, por processos miméticos e pela criação de um novo termo em processos morfológicos (composicionais, flexionais e derivacionais). Apresentaremos aqui alguns desses conceitos.

2.1.1 Composição

A composição é o processo morfológico de construção de uma ULS a partir da associação de dois ou mais radicais para originar uma nova ULS. Faria-Nascimento (2013).

Já para Felipe (2006), ela é um processo de formação de palavras que se dá a partir de itens lexicais que se justapõem ou se aglutinam para formar um novo item lexical.

Para Felipe (2006), a aglutinação não é diferente do processo de composição, ela ocorre quando dois itens se juntam para dar origem a um novo item, e pode ser a partir de:

- SINAL + SINAL
- SINAL + CLASSIFICADOR
- SINAL + DATILOLOGIA

Exemplo:

Figura 8- Sinal ESCOLA.



Fonte: Felipe (2006); Nunes (2020)²²

²² Imagens de nossa autoria, feitas exclusivamente para esse trabalho com o auxílio de um ator surdo, que voluntariamente se dispôs a contribuir permitindo, dessa forma, a reprodução e divulgação de sua imagem.

Justaposição– quando um classificador²³ se justapõe a um item lexical como um clítico²⁴. Exemplo: COISA-PEQUENA^APLICAR-NO-BRAÇO - AGULHA²⁵.

Figura 9- Sinal AGULHA - classificador



Fonte: Felipe (2006)

De acordo com as autoras, o mesmo sinal também ocorre por justaposição da datilologia da palavra em português ao sinal que representa a ação do substantivo representando a semântica instrumental. Exemplo: COSTURAR-COM-AGULHA^ A-G-U-L-H-A.

Figura 10 – Sinal AGULHA – sinal + datilologia



A-G-U-L-H-A

Fonte: Fernandes (2006).

²³ Os classificadores são sinais que utilizam um conjunto específico de configurações de mãos para representar objetos incorporando ações, bem como tamanho, forma, e também a posição de pessoas e objetos. Ferreira-Brito (1995); Quadros & Karnopp (2004).

²⁴ Clítico é um termo proveniente do grego cujo significado é “inclinado”. Recebem essa denominação as formas que se assemelham a palavras, mas que não podem aparecer sozinhas em um enunciado normal, sendo estruturalmente dependentes de uma palavra vizinha (hospedeiro). Essa sua dependência pode ser fonológica e/ou sintática. Barbosa (2005).

²⁵ Os exemplos apresentados no trabalho e a forma de transcrição são dos autores referenciados, mas achamos por bem reproduzi-los.

Outra autora que aborda o tema é Rodero-Takahira (2015), que expande a proposta de Felipe (2006). Para Takahira-Rodero, o fenômeno da composição é bastante comum e vem sendo estudado em diversas LS. Seus estudos evidenciaram que na Libras há compostos expressos por mais de um sinal (morfema livre) (i) sequencialmente, (ii) simultaneamente ou (iii) simultâneo-sequencial.

A autora divide os sinais compostos sequenciais em: a) formados por dois sinais simples; b) formados por um sinal simples e um sinal classificador; c) formados por dois sinais classificadores; d) formados por três ou mais sinais. Seguem exemplos:

a) Compostos formados por dois sinais simples: CARNE^VENDER - AÇOUGUE.

Figura 11 – Sinal AÇOUGUE



Fonte: Rodero-Takahira (2015).

b) Compostos por um sinal e um classificador: AGUA^FORMA-CAMINHO - RIO.

Figura 12 – Sinal RIO



Fonte: Rodero-Takahira (2015)

c) Compostos por dois classificadores: BICO^ASA - PÁSSARO.

Figura 13 – Sinal PÁSSARO



Fonte: Rodero-Takahira (2015).

d) Compostos por três ou mais sinais:

HOMEM^INDIVÍDUO^TRABALHAR^CONSERTAR = MECÂNICO.

Figura 14 – Sinal MECÂNICO.



Fonte: Rodero-Takahira (2015).

Os compostos simultâneos podem ser; a) formados por um sinal boca²⁶ e um sinal simples; b) formados por um sinal boca e um sinal classificador; c) formados por um sinal classificador (mão base) e um sinal classificador; d) formados por um sinal classificador (com verbo) e um sinal classificador. Exemplos:

a) Sinal MEL.

Figura 15 – Sinal LUA DE MEL.

²⁶ Para a autora, o sinal boca podem ser expressões não manuais que envolvem a boca, que podem ou não ter relação com a língua oral. As vezes são gestos de boca que ocorrem simultaneamente com os sinais. Mas podem ocorrer também de maneira que a boca seja o articulador do sinal, formando sinais independentes (sinais formados por língua, bochecha e lábios).



Fonte: Rodero-Takahira (2015, p. 25).

- b) Formados por um sinal boca e um sinal classificador - SEXO^BALANÇAR A CAMA - RELAÇÃO SEXUAL.

Figura 16 – Sinal RELAÇÃO SEXUAL



Fonte: Rodero-Takahira (2015).

- c) Formados por um sinal classificador (mão base) e um sinal classificador - ENTIDADE RETA^ENTIDADE-PLANA^PINTAR - DESENHAR.

Figura 17 – Sinal DESENHAR



Fonte: Rodero-Takahira (2015).

- d) Formados por um sinal classificador (com verbo) e um sinal classificador -
 CARRO^BATER^ENTIDADE-RETA - ACIDENTE DE CARRO.

Figura 18– Sinal ACIDENTE DE CARRO



Fonte: Rodero-Takahira (2015, p. 25).

Os simultâneos-sequenciais são formados por um sinal e dois classificadores simultaneamente (não necessariamente nessa ordem). Exemplo: CAVALO^ENTIDADE^PLANA^ENTIDADE-RETA = CAVALINHO DE BALANÇO.

Figura 19 – Sinal CAVALINHO DE BALANÇO



Fonte: Rodero-Takahira (2015).

2.1.2. Derivação

Para Faria-Nascimento (2013), a derivação é um processo de formação de palavras altamente produtivo, em que ULS são construídas a partir de outras ULS da língua mediante ao acréscimo de um afixo ao seu radical.

Para ela, nas línguas orais, os radicais são elementos que intervêm na construção de palavras, e contém o significado lexical delas, e os afixos contém informação gramatical. Já em Libras, os afixos podem conter informação especificadora do referente, além da gramatical. Dessa forma, uma ULS pode se tornar morfema-base para a derivação de novas ULS de mesmo campo semântico.

Ela cita o caso de PALAVRA (em Libras) que, ao ser empregada como morfema-base, permite a formação de novas ULS como: MORFOLOGIA, COMPOSIÇÃO, DERIVAÇÃO, FLEXÃO, UNIDADE SINALIZADA COMPLEXA, AFIXO, SUFIXO, PREFIXO, INFIXO, SOBREFIXO E SÍLABA.

De acordo com a autora, há também exemplos de sinais com derivações que partem do campo semântico ‘letra’ como: LETRAS LIBRAS, LICENCIATURA, LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS, BACHARELADO (TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO – LIBRAS).

Há um processo de derivação que Fernandes (2006) conceitua como processo derivação zero aqueles nos quais dois sinais possuem forma invariável, e só se pode distinguir a sua categoria (verbo ou nome) dentro de um contexto. Salvo alguns desses pares, apresentam mudanças no parâmetro movimento como o verbo IR-DE-AVIÃO, que tem o movimento mais alongado em relação ao substantivo AVIÃO.

O mesmo fenômeno é descrito por Faria-Nascimento (2013), que compreende os morfemas zeros ou nulos como pares de ULS que apresentam a mesma forma para substantivo e para verbo, e são assim denominados pela ausência de um morfema para indicar flexão ou derivação. Ela cita o exemplo do par LUZ e ACENDER.

Estudos em Auslan e na Língua de Sinais Americana (ASL) evidenciam que mudanças no número de mãos na realização de alguns sinais podem alterar o significado. Dessa forma, a duplicação de mãos também pode ser um recurso para criar (derivar) sinais a partir de outros já existentes. (XAVIER e BARBOSA, 2013).

Em analogia com a Libras, estudos revelam que nessa língua um determinado sinal também pode ter o seu número de mãos duplicado para expressar intensidade, plural o simplesmente por um processo assimilatório (influência do sinal anterior e/ou posterior).

Figura 20– Contraste de sinais com mudanças na duplicidade de mãos.

Uma mão	Duas mãos
 <p data-bbox="695 566 772 589">MAGR@</p>	 <p data-bbox="970 566 1094 589">EMAGRECER</p>
 <p data-bbox="683 808 790 831">DINHEIRO</p>	 <p data-bbox="1007 808 1054 831">RIC@</p>
 <p data-bbox="715 1050 751 1072">RIR</p>	 <p data-bbox="978 1050 1091 1072">SIMPÁTIC@</p>

Fonte: Xavier e Barbosa (2013).

2.1.3. Empréstimos Linguísticos

Estudos no Brasil, demonstram que há processos de formação de novos itens lexicais por meio de empréstimos linguísticos da Libras. Para Nascimento (2010), os empréstimos linguísticos tem como principal função preencher lacunas lexicais de uma língua de forma a ampliá-la, e nas Línguas de Sinais (LS), eles acontecem a partir das línguas orais-auditivas, pelo contato intenso que se mantém com elas, especialmente, do sistema ortográfico para a datilologia. E a Libras se utiliza em sua maioria, da primeira letra da palavra em Português.

Já Nascimento (2011) faz a distinção entre datilologia e empréstimos lexicais a partir da datilologia. Para ela, a datilologia não se constitui um empréstimo, mas um recurso para preencher uma lacuna momentânea, que não chega a fazer parte do sistema. Já o empréstimo lexical por meio da datilologia (ou datilológicos) são palavras que a princípio eram digitadas e se lexicalizaram, ou seja, foram integradas ao sistema. A autora comenta ainda que estudos em ASL identificaram um fenômeno denominado inicialização, que são palavras influenciadas pelo inglês, que não são necessariamente digitadas, mas a mão corresponde a uma letra ortográfica, geralmente a primeira letra de uma palavra do inglês.

Para Ferreira-Brito (2010) existem os empréstimos de cunho lexical, que ocorrem a partir da soletração manual, usados principalmente em nomes próprios e/ou em conceitos que ainda não possuem um sinal, e tem como característica o uso da primeira letra da palavra escrita em português. Exemplo: sinal BRASIL.

Figura 21- Sinal BRASIL



Fonte: Ferreira-Brito (2010).

2.1.4. Processos miméticos ou icônicos

Os processos miméticos ou icônicos, que se caracteriza como um processo de formação de itens lexicais altamente produtivo e econômico, já que uma ação pode ser mimeticamente representada por meio do uso de expressões faciais concomitante com o sinal, complementando, dessa forma, a estrutura da frase. Esse processo equivale as onomatopeias nas línguas oral-auditivas. FELIPE (2006). Para a autora, nesses casos, a mímica é utilizada com forma de expressão:

Por exemplo, para se dizer que, em um contexto determinado, havia um homem em pé com um jornal embaixo do braço direito e com um saco de pipoca na mão esquerda, basta utilizar os sinais HOMEM JORNAL PIPOCA e representar a situação, ficando a frase: HOMEM JORNAL coisa –arredondada COLOCAR-EM-BAIXO-DO-BRAÇO-ESQUERDO PIPOCA coisa-arredondada SEGURAR-COM-A-MÃO-DIREITA (FELIPE, 2006 p. 205).

De acordo com Mcclery e Viotti (2011, p 296), os estudos acerca da linguística cognitiva relacionada a Libras tem se dedicado a compreensão da parceria entre elementos verbais e gestuais para a construção de seu léxico, que operam em todos os níveis, em estreita colaboração para criar textos sofisticados e informativos.

Com base nesses pressupostos, apresentamos dados do trabalho de Vilhalva (2009), cujos sinais catalogados parecem ser oriundos de um processo de lexicalização de ações gestuais. A autora realizou pesquisa em escolas indígenas acerca de sinais emergentes usados

por surdos matriculados nas escolas das aldeias Jaguapuru e Bororo da região da Grande Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul. Ela pontua que os sinais emergem da necessidade que essas pessoas (surdos e familiares) têm de estabelecer uma comunicação, especialmente em casos em que não há domínio de uma língua de sinais.


Nessa pesquisa foi verificado que a escolha dos sinais para referenciar determinados objetos, na maioria dos casos é motivada por aspectos visuais (características físicas) dos referentes.

Figura 22 – Sinais emergentes usados por surdos em escolas indígenas Jaguapuru e Bororo – parte 1

	SINAIS EMERGENTES	GUARANI	LIBRAS	PORTUGUES
		MANDÍ'O		MANDIOCA
		AVATY		MILHO

Fonte: Vilhalva (2009).

Figura 23 – Sinais emergentes usados por surdos em escolas indígenas Jaguapuru e Bororo.

		JAGUA		CACHORRO
		MBARA KAJA		GATO
		YVARA		ARVORE

Fonte: Vilhalva (2009).

O trabalho da pesquisadora apresenta os dados acima em uma única tabela, mas achamos por bem dividi-las em duas aqui para facilitar a visualização.

São exemplos que mostram na prática a influência do *input* visual no processo de criação de sinais nessa língua, segundo os postulados pelas teorias aqui apresentadas.

Sobre o tema, os estudos de Taub (2004) acerca da Língua de Sinais Americana (ASL), considera a iconicidade linguística e a mímica ou imitação não linguística, sendo que ambos são processos de construção analógicos, cuja diferença está basicamente no fato de que os linguísticos são restritos as categorias semânticas e fonéticas da língua, ao passo que o mimético se restringe as habilidades físicas do imitador.

Vemos com isso, que características visuais presentes na modalidade da língua influenciam no processo de criação de novos termos nessa língua. Taub (2004) assegura que nas línguas de sinais, além de traços discursivos, as expressões faciais contêm traços semânticos e morfológicos intervenientes na composição do significado de uma unidade lexical com elas construídas. Para ela, expressões faciais e corporais são comuns nas línguas orais e nas línguas de sinais com funções ora semelhantes, ora distintas.

Sobre o tema, Carneiro (2016, p.115) assegura:

(...) uma estratégia usada para a criação de novos sinais é considerar características físicas do referente, como imagem local (características do imóvel/disposição da construção) ou símbolo/ logotipo do empreendimento/ da instituição. Notamos a influência de características do referente (input visual concebido pela comunidade surda sobre tais referentes) como um recurso para a ampliação lexical da Libras.

Para Johnston e Schembri (1999) esses sinais altamente descritivos (icônicos) são denominados lexemas, que precisam ser inseridos em um contexto ou a outros sinais para a compreensão do seu significado.

Perniss et al. (2010) em análise à iconicidade nas línguas de sinais relata que diferentes idiomas podem adotar formas diferentes de representar uma mesmo referente. E cita o exemplo do sinal LEÃO em ASL representa iconicamente a juba, já BSL (Língua de Sinais Britânica) o sinal é realizado por meio de características icônicas das patas. Pra ela, semelhante o que acontece nas língua orais com as onomatopeias, acontece coma as línguas de sinais, a partir de sinais criados a partir da representação de características salientes do objeto ou de eventos do mundo real, havendo, pois várias maneiras de representar iconicamente um conceito.

Sobre o assunto, Faria-nascimento (2013) citando o modelo de Morfologia Construcional de processos lexicais e terminológicos (modelo Sílex), diz que este reconhece a palavra como unidade dotada de um significado inerente, e que em sua perspectiva semântica analisa os significados das unidades lexicais construídos. O modelo prevê três tipos de significados na construção de uma palavra derivada: (a) o significado conferido pela regra de construção das ULS; (b) o significado herdado da base; (c) o significado específico do operador morfológico (morfema). E especificamente nas LS, há um tipo de significado na construção de uma palavra derivada que é (d) significado icônico (enquanto cognitivo e não forma).

2.2. Gírias

De acordo com Biderman (2001), a gíria é uma criação popular que emerge da busca por maior expressividade ao que se quer dizer; mas as vezes a sua motivação é dificultar a decodificação da mensagem, especialmente em meio a comunidades peculiares, como grupos de ladrões e facínoras em geral, que por meio de um código secreto, tem suas mensagens incompreendidas pela sociedade e pela polícia.

Mas quando decodificadas pela sociedade, as gírias são substituídas por novas, reformulando continuamente o seu código secreto. Por isso, de acordo com a autora, as gírias dos facínoras, dos estudantes, dos jovens e de artistas tendem a ser efêmeras.

Para Preti (2004), a gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Para ele, a língua, entre outras formas de comportamento, da qual os indivíduos se utilizam como forma de se auto afirmarem na sociedade, essas marcas são os signos de grupo.

O autor aponta que o vocábulo gírio é um recurso importante para expressar sentimentos como crítica, ironia, ridículo, desprezo, humor. E que a gíria serve, também, para marcar denúncia ou oposição aos valores tradicionais, daí o fato de serem consideradas instrumentos verbais na luta de classes.

São teóricos que abordam o tema na língua portuguesa, mas já existem pesquisas dessa natureza também na Libras.

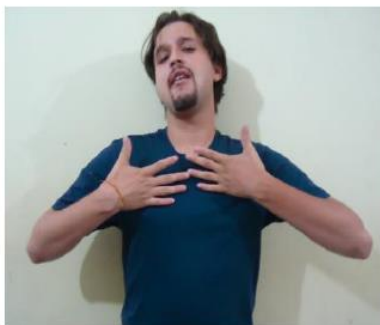
Campello (2016) em abordagem acerca do processo em Libras, pontua que as gírias são utilizadas para criar novas formas de ler o mundo pelos jovens e também para enaltecer a mensagem poética e a criatividade. De acordo com ela, o ambiente escolar e as associações de surdos são ambientes propícios ao uso das gírias pelos surdos, que as utilizam para como marca identificatória do grupo e como forma de empoderar a língua. Ela conclui em sua pesquisa que as relações sociais e o uso de gírias pelas comunidades surdas se constituem marca cultural da juventude surda na qual o ser surdo se efetiva enquanto diferença (um olhar sobre o mundo e sua realidade). Para ela, sem as gírias em sinais, eles não existiriam enquanto jovens surdos.

Silva (2015, p. 169), acerca do uso de gírias entre os surdos, argumenta que estes também fazem uso de recursos linguísticos sigilosos visando a incompreensão do discurso por pessoa que não façam parte desse contexto. E esses sinais permanecem na obscuridade do grupo fechado. Segundo ele, esses sinais se manifestam especialmente quando se trata de palavrões, humor e sinais ocultos. Segundo ele:

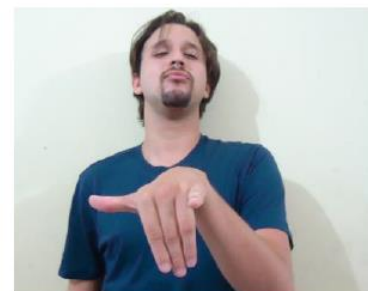
[...] suas possibilidades comunicativas se fazem em diversos aspectos de compreensão; conforme seu próprio entendimento da interpretação e costumeira forma de sinalizar, da convivência dos grupos sociais, em admitirem a concepção dos novos sinais em transição, absorvendo naturalmente esta diversificação no sentido dos surdos poderem expor sua compreensão face às novas expressões, conforme as gírias do cotidiano; contudo sua situação perante as novas informações que cada sujeito absorve, tem sua própria elaboração, conforme feedback na conversação sigilosa, onde o pesquisador percebe, em consequência de seu costumeiro contato diário com o citado grupo; identificando no grupo social sua própria cultura, no jeito de expressar, nas características específicas de cada uma delas (SILVA, 2015, p.40).

O autor afirma que há o uso de gírias por grande parte da comunidade surda, e que posteriormente algumas são incorporadas a língua. Ele ainda apresenta algumas gírias do contexto de surdos da cidade de Natal – RN.

Figura 24 - Gírias do contexto de surdos da cidade de Natal-RN.

SINAL LSB

(TRANQUILO)

GÍRIA

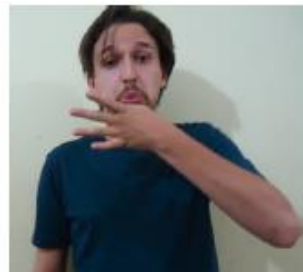
Não se preocupa com a situação de desespero, tá ligado? Relaxa.

Fonte: Silva (2015).

Figura 25 – Gírias do contexto de surdos da cidade de Natal – RN.

SINAL LSB

Expressão não-manual negativa e o sinal de não gostar

GÍRIA

Expressão não-manual morfema-boca U inferior (soprar a boca) expressão sobrancelha: abismado e surpreso. Quer dizer: 'não acredito' agregado ao sinal 'não gostei'.

Fonte: Silva (2015)

Os dados da pesquisa mostram que a comunidade surda local elegeu formas distintas das convencionais para representar os sinais ‘TRANQUILO’ e ‘NÃO GOSTAR’. Dados que evidenciam que a Libras segue o mesmo estatuto linguístico de criatividade, e seus usuários também elegeu formas distintas de expressões em relação às convencionais.

Cruz (2020) realizou um trabalho voltado para as gírias que circulam em um grupo específico de surdos. Para o autor, as gírias emergem como forma de fazer humor e entretenimento, mas além disso, o uso de gírias de grupo evidencia relações sutis de poder entre surdos e ouvintes e o sentido de proteção contra o ouvintismo e a língua portuguesa. Seguem dados do trabalho.

Figura 26 – Sinal-gíria INTOLERÂNCIA, ou FALTA DE PACIENCIA



Fonte: Cruz (2020).

Figura 27 – Sinal-gíria SOLTEIRO.



Fonte: Cruz (2020).

A pesquisa revelou diferentes processos de criação de sinais-gírias como:

- Composição: justaposição de sinais lexicais com sinais semi-lexicais (justaposição)

- Lexicalização de ações gestuais (processos icônicos e/ou miméticos)
- Alteração de parâmetros

2.3. Variação lexical

A língua enquanto sistema heterogêneo, apresenta variações. A variação é uma característica inerente às línguas naturais que pode ser observada a partir da língua em uso e que resulta nas variantes linguísticas (maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade) TARALLO (1986). Já Possenti (2000), compreende a variação como diferentes maneiras de dizer a mesma coisa. Ao conjunto de expressões que compõe o léxico de uma língua de sinais Stumpf (2005) denomina sinalário.

Estudos acerca da língua portuguesa falada no Brasil apontam que esta apresenta variações que podem ser determinados por fatores internos da língua ou extralinguísticos como diferenças geográficas, sociais, históricas e situacionais materializadas nessa língua.

Mas além disso, a língua em uso também pode variar de acordo com os hábitos, ideologias, crenças, costumes, idades de seus falantes, profissão e cultura, ou seja, os aspectos pessoais como a classe social do usuário e pode ser determinada pela variedade que ele adquiriu em sua primeira língua em sua comunidade de fala.

As variedades geográficas são as que abrangem diferenças linguísticas regionais. As variedades sociais que são as que incluem (faixa etária, profissão, etc.). As variedades situacionais que decorrem do contexto comunicativo e do grau de formalidade da situação.

As variedades históricas são as mudanças linguísticas que ocorrem com o tempo. As mudanças que acontecem no léxico de uma língua – conjunto de palavras de uma língua e o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua – de uma determinada comunidade ou região é capaz de revelar informações concernentes a história e a visão de mundo dela. ISQUERDO (2001).

Dessa forma, mudanças no léxico refletem e tem relação com as mudanças sociais. Em suma, não existe uma única maneira ou maneira certa e errada de falar, existem formas adequadas de se portar e se comunicar de acordo com a situação. E a variação das lexias expressa as relações sociais, culturais e históricas de um povo ou grupo.

Bagno (1999) que trata do preconceito linguístico na sociedade e a marginalização critica o ato de desconsiderar um determinado modo de falar, e reconhece este, como marca da identidade cultural de uma determinada comunidade e que aspectos geográficos, históricos,

fonéticos, morfológicos, culturais sintáticos, e sociais também devem ser considerados, conforme afirmação:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da *identidade* cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam como se fossem incapazes, deficientes, ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que os idiomas oferece a seus falantes [...] (BAGNO, 1999, p.16).

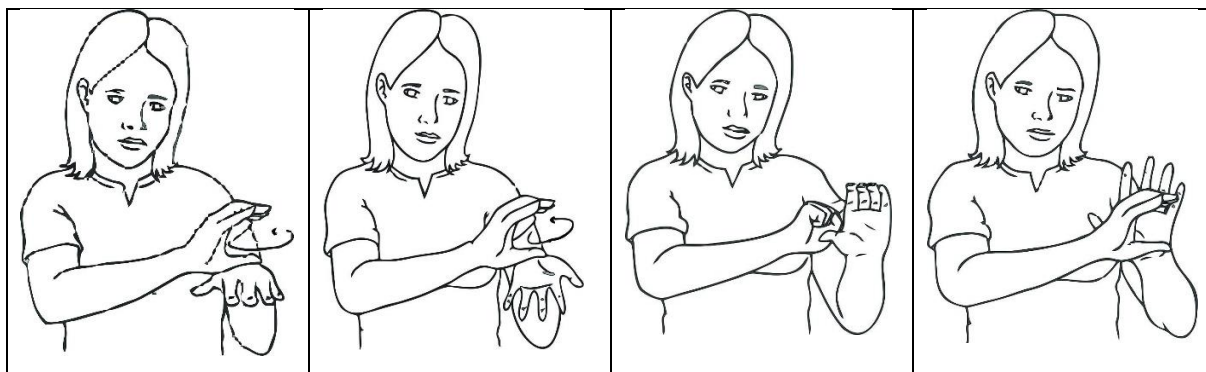
O autor argumenta que o preconceito linguístico em relação aos falares prejudica o ensino da língua materna e também de uma língua estrangeira haja vista que a língua é expressão da relação cultura/linguagem, que se reflete no léxico por intermédio de palavras (novas) e, que, portanto, o estudo da língua deve abranger as culturas que a permeiam.

São teorias que compreendem o processo de variação linguística na língua portuguesa, mas já existem estudos abrangendo o tema nas línguas de sinais. Fernandes (1998) e Castro-Júnior (2008) são pesquisadores que abordam a temática.

Castro-Júnior (2008) propõe a criação de um Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras em parceria com o Centro LEXTERM – Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos e Laboratório da Linguística de Língua de Sinais (LabLibras) da Universidade de Brasília – UnB, visando o registro visual de sinais-termo que sejam formas de variantes na Libras.

Suas análises envolveram o levantamento de sinais-terminos usados por Tradutores/Intérpretes de Libras/Português (TILSP) que atuam em contextos políticos em cinco regiões do Brasil: norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul e um corpus com amostras de variação desses sinais. Para isso, selecionou os termos LEI, DECRETO, CONSTITUIÇÃO, DIREITO, DIREITO COLETIVO E DIREITO DIFUSO. Os dados revelaram pelo menos duas ou três variantes para cada termo pesquisado. O esquema demonstra as variantes encontradas para o sinal CONSTITUIÇÃO.

Esquema 3- Variantes do sinal CONSTITUIÇÃO.

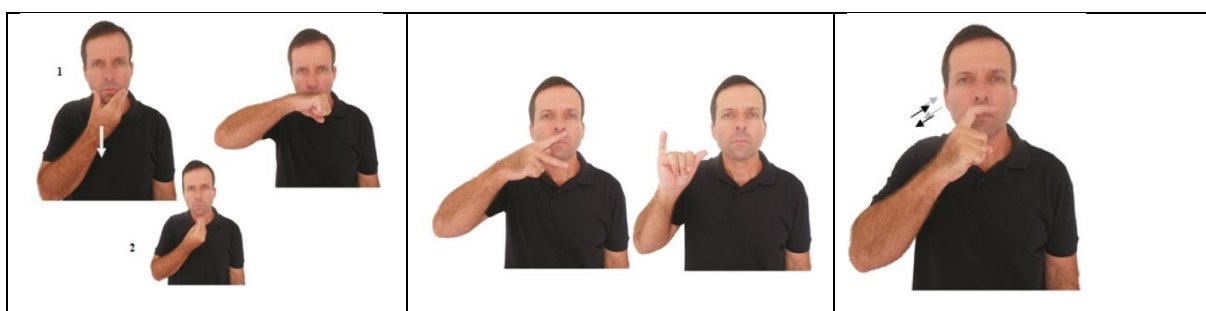


Fonte: Castro-Júnior (2008, p. 89-94)

São estudos linguísticos que comprovam a diversidade linguística no Brasil e o dinamismo das línguas.

Mas já existem pesquisas abordando o tema variação linguística de sinais não terminológicos também. Silva (2014) investigou variações dos sinais PAI e MÃE na região de Florianópolis – Santa Catarina, no intuito de identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar nas variações e nas mudanças históricas dos sinais. A autora encontrou 3 sinais variantes para PAI e 3 sinais variantes para MÃE, conforme os esquemas abaixo:

Esquema 4 – Variantes de PAI



Fonte: Silva (2014)

Esquema 5 – Variantes de MÃE



Fonte: Silva (2014)

A autora conclui que a variação linguística enquanto característica de todas as línguas naturais, não se mostra ocasional, mas está condicionada a fatores sociais.

2.4 Sinais-termos

De acordo com Tuxi (2016) a organização terminológica de uma língua é o passo determinante para estabelecer o desenvolvimento de uma política linguística. Dessa forma, os preceitos apresentados nessa seção são relevantes para a nossa análise de dados, uma vez que traz resultados de processos de criação de sinais e os princípios morfológicos implicados neles.

Tuxi (2016) comenta ainda que um novo paradigma vem configurando os estudos terminológicos e lexicológicos relacionados a Libras, com o aumento de pesquisas de termos técnicos e científicos no meio acadêmico.

Na Libras há o léxico comum (sinais) e o léxico de especialidade (sinais-termos). O sina-termo abrange os vocábulos de áreas específicas de uma ciência ou técnica. (FAULSTICH 2012).

Dessa forma, quando há um conjunto de léxicos especializados de uma ciência ou técnica, com conceitos abstratos e definições da área, a terminologia se efetiva.

Pensando nisso, Tuxi (2016) propôs a organização e registro de glossário bilíngue, Português/Libras com trinta e oito (38) termos e sinais-termos da área técnica e administrativa do meio acadêmico para surdos e demais discentes da UnB. Uma contribuição para a área de Terminologia da Libras.







Figura 28- Glossário Bilíngue de sinais da Libras.



Fonte: Tuxi (2016, p. 167)

Nascimento (2016) é outra pesquisadora do ramo terminológico da Libras por meio da elaboração de um Glossário Ilustrado do Meio Ambiente Libras-Português. A figura mostra dados da pesquisa acerca dos sinais motivados por logotipo

Figura 29– Sinais motivados por logotipo.

Logotipo	Sinal motivado pelo logotipo
	
Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Reciclagem#/media:Arquivo:File:Recycling_symbol.svg Acesso em: 17 dez. 14.	RECICLAGEM Fonte: Arquivo pessoal
	
Disponível em: http://www.infnescola.com/quimica/isotopos-radioativos/ Acesso em: 15 de dez 2014	RADIOATIVO Fonte: Arquivo pessoal
	
Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o das Na%C3%A7%C3%B5es Unidas acesso em 16 dez. 2014.	ONU Fonte: Arquivo pessoal

Fonte: Nascimento (2016, p. 155).

Vemos nesse caso, o princípio da iconicidade influenciando no processo de escolha/criação dos sinais.

3. METODOLOGIA

Apresentamos neste capítulo as diretrizes metodológicas e as etapas da pesquisa e os instrumentos/recursos utilizados para a análise dos dados.

3.1. Abordagem

Quanto aos procedimentos técnicos adotados na pesquisa, podemos defini-la enquanto bibliográfica pois lida com materiais previamente disponibilizados na internet (GIL, 1991). Durante as análises achamos conveniente convidar dois surdos para contribuir com a pesquisa por meio de entrevista acerca dos termos apresentados nos vídeos. Dessa forma, a pesquisa envolveu também um estudo de campo.

Do ponto de vista de abordagem trata-se de uma pesquisa qualitativa pelo fato de não se utilizar de dados estatísticos, e sim com atribuição de significados e interpretação do fenômeno do seu objeto de estudo, distante da ideia de traduzi-los em números.

Quanto aos seus objetivos, pode ser classificada enquanto descritiva, já que descreve características desse fenômeno específico.

As bases lógicas dessa pesquisa, a sua linha de raciocínio são regidas pelo método indutivo que é quando elaboramos generalizações a partir de observações da realidade concreta (GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 1993).

3.2 Etapas

As etapas do percurso metodológico estão assim subdivididas: a) Escolha do universo e contexto a ser estudado; b) seleção dos vídeos e/ ou material impresso para a formação do corpus; c) análise dos vídeos; d) entrevista de validação; e) apresentação do corpus.

A primeira etapa consistiu na eleição da comunidade surda alvo da pesquisa, sob o critério de que fosse um lugar com a presença de jovens, visto que um ambiente assim é mais propício a inovação lexical.

A segunda etapa foi a seleção dos vídeos para o levantamento e registro das unidades léxicas que se encaixavam em nosso objeto de investigação. Buscamos vídeos institucionais e vídeos informais disponíveis em redes sociais. Dessa forma, inicialmente escolhemos cinco vídeos institucionais e cinco vídeos informais para as análises. Logo após a apreciação dos vídeos, alguns deles foram descartados. Ao final, apenas quatro vídeos e um material impresso ficaram para as análises.

Vale a pena ressaltar que a maioria dos vídeos analisados foram produzidos originalmente em Libras, por surdos sinalizantes e não possuíam legendas. Mas alguns dos vídeos institucionais traziam ouvintes sinalizando, e continham legendas.

Dessa forma, a compreensão da maioria dos conteúdos foi possível devido ao conhecimento que temos em Libras.

Convém ressaltar que os vídeos elencados para esse estudo estão disponíveis nas redes sociais a quaisquer usuários para visualização e/ ou compartilhamento²⁷. Julgamos, dessa forma não haver necessidade de autorização de seus autores para a análise e uso das imagens neles contidas.

²⁷<https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY>. Acessado em 20/01/2019.

Sobre a terceira etapa, que foi a análise dos vídeos, separamos um tempo para a visualização de cada um deles, de maneira que um publicado no *youtube* (compilado de vídeos) foi o mais que mais dedicamos tempo, e, devido ao seu tamanho, tivemos que baixa-lo no computador. Inclusive a maioria dos dados desse trabalho advém desse vídeo.

Conforme mencionado, selecionamos ainda material impresso para a geração dos dados, que foi um capítulo de livro, cujas imagens também foram elencadas para nossas análises.

Na quarta etapa, o estudo contou com a colaboração de dois pesquisadores surdos, membros da comunidade surda alvo da pesquisa e sinalizantes de alguns dos vídeos analisados, para esclarecer significados e contextos de usos dos termos validando, dessa forma, as nossas análises.

Sobre os critérios adotados para definir quais eram de fato ULS novas, escolhemos (i) as respostas das entrevistas com os colaboradores surdos acerca de cada um das ULS, (ii) o fato de não ser dicionarizada (iii) o fato de ter sido criada de maneira planejada (consciente) para um determinado contexto.

Na etapa de registro do corpus Toda vez que identificávamos algum desses itens, (ULS nova) a parte do vídeo era registrada. Optamos por registrar os itens componentes do corpus fazendo uso da tecla “*PrintScreen*” para a captação precisa dos termos e expressões para a análise.

Visando organizar a etapa de apresentação dos dados, adaptamos uma ficha lexicográfica com base em Nascimento (2016). Ressaltamos que tomamos por base as fichas da autora apenas para nortear a elaboração das nossas fichas. O esquema abaixo ilustra as categorias adotadas nas fichas.

Esquema 6 –Ficha Lexicográfica de apresentação dos dados

Ficha de apresentação	
ULS	Apresentamos a ordem numérica e as imagem das ULS/sentenças. As imagens foram extraídas de vídeos disponíveis em redes sociais, e outras foram elaboradas com o auxílio de um ator surdo para esse trabalho. Algumas imagens foram retiradas de material impresso (capítulo de livro).
Bases morfológicas	Nesse item são apresentadas imagens de ULS e de outros recursos que serviram de base para a formação da ULS/ sentenças.

Descrição	Apresentamos as formas como são realizadas a ULS/sentenças como base nos parâmetros: Configuração de Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da Palma (OP), e Expressões Faciais (EF).
Contexto de uso	Apresentamos os contextos de usos e circunstâncias que foram e que podem ser empregadas as ULS/sentenças.
Processo de formação	Com base nas teorias estudadas deferimos o processo de formação que as ULS ou sentenças se enquadram. A saber: derivação, composição, e processo icônico/mimético de formação de sinais.
Validação	<p>Nesse item apresentamos as respostas dos participantes surdos em relação as perguntas das entrevistas. As respostas estão apresentadas obedecendo o seguinte esquema:</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 10px 0;"> <p>1- Respostas da pergunta 1 - Qual o significado da ULS?</p> <p>2- Respostas da pergunta 2 - Quais ULS (ou aspectos icônicos) serviram de base para a criação dela?</p> </div> <p>Ressaltamos que excepcionalmente as fichas de apresentação das ULS do contexto da manifestação contra o TCC oral e as fichas de apresentação dos sinais-termos do curso Letras Libras trarão esse item.</p>
Link e data de acesso	Apresentamos os endereços eletrônicos (<i>links/sites</i>) e datas de acesso de onde retiramos as imagens apresentadas nas fichas.

Fonte: Autoria própria

3.3. Entrevistas

Elaboramos um roteiro de perguntas para a entrevista com os participantes surdos que validaram os significados e contextos de usos das ULS elencadas para o trabalho. A validação se deu para assegurar-nos do real sentido e significado das ULS com base na opinião dos entrevistados.

Os participantes foram dois alunos surdos do curso Letras Libras, escolhidos, portanto, para esse fim, que receberam o convite para participação via *e-mail*, e tão logo aceitaram o

convite, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A participação deles foi voluntária.

Em seguida, as ULS elencadas para o estudo foram submetidas aos entrevistados para apreciação. Para a avaliação das ULS, os entrevistados seguiram critérios como se eram realmente novas, e os sentidos e significados delas. As respostas nos foram enviadas em vídeo via *WhatsApp* e videochamadas.

A pergunta (1) foi direcionada apenas às ULS e sentenças do contexto da manifestação e a pergunta de número dois (2) para os sinais-termos do curso Letras Libras, uma vez que eles já estão em circulação, mas nos interessa saber suas raízes semânticas. Não houve necessidade, portanto, de validação dos topônimos referentes aos sinais dos campus da UFT.

Além disso, um dos entrevistados aceitou contribuir com o trabalho por meio de sua imagem (fotos).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme mencionado, as ULS que compõem o corpus advêm de vídeos produzidos pela comunidade surda alvo da pesquisa, que abordam questões pertinentes a esse grupo e que foram divulgados nas redes sociais. O corpus é composto também por ULS advindas de material impresso e que também fazem alusão ao curso Letras Libras. E ainda, alguns neologismos/topônimos apresentados em trabalho recente da Universidade Federal do Tocantins (UFT) promovido pela comunidade surda tocantinense (alvo dessa pesquisa), que apresenta os sinais referentes aos Campus da instituição, e os aspectos motivacionais da criação de cada um deles. Dessa feita, abordaremos especificamente o processo morfológico de criação delas.

Outro grupo de ULS investigada, já está em circulação e faz parte do contexto acadêmico da comunidade alvo da pesquisa, e foram levantadas de conversas informativas/informais de redes sociais (grupo de *WhatsApp*) que foram levantados de abril a dezembro de 2019.

Dessa forma, ao todo foram elencadas vinte (20) ULS para as análises por meio da abordagem de questões como o processo de criação ao qual estão inseridas, e a influências que conduziram o processo. Elencamos, dessa forma, os dados de três diferentes fontes:

- a) do contexto da manifestação;
- b) de Sinais-termos referente aos campus da UFT.
- c) de Sinais-termos do contexto do curso Letras Libras.

Porém, preocupamo-nos em apresentar os dados obedecendo ao processo de formação que cada uma delas se enquadra.


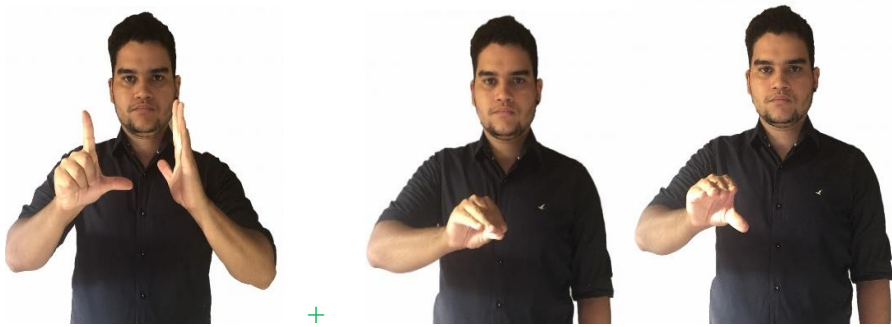
As fichas lexicográficas serão apresentadas, seguidas de suas análises.

4.1. ULS do processo de derivação

Grande parte das ULS analisadas na pesquisa são produtos de processos derivacionais, que se subdividem em: derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (configuração de mão); e derivação a partir do significado da base (Ponto de Articulação).

4.1.1 Derivados a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão - CM).

Ficha lexicográfica 1 – LETRAS-ORAL

Ficha lexicográfica 1	
ULS 1	
Bases morfológicas	
	LETRAS LIBRAS e ORALIDADE/ FALAR.

Descrição fonomorfêmica	Mão passiva configurada em ‘L’ (morfema-base), com orientação da palma para a frente, e mão dominante fazendo o sinal ORALIDADE, cujo movimento (abre-fecha) que simboliza a anatomia da boca ao falar é realizado acomodado entre o polegar da mão dominante.
Contexto do uso	Crítica ao fato do curso de Letras Libras (lugar de prestígio dessa língua) estar perdendo a sua identidade para a oralidade, para se tornar ‘Letras Oral’.
Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão).
Validação	1- Significa LETRAS ORAL 2- Deriva de LETRAS LIBRAS, e de ORALIDADE.
Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessado em 26/10/2019.

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 1

Derivada dos sinais LETRAS-LIBRAS e ORALIDADE/ FALAR, a ULS tem o morfema-base (mão passiva configurada em L) mantido, e a outra mão tem sua configuração alterada de LIBRAS para ORALIDADE, dando-lhe um novo significado.



Nesse caso, a mão passiva serviu de base para originar a ULS. Chama a atenção o fato de a mão dominante também ser um sinal.

Faria-Nascimento (2013, p.108) argumenta sobre construções híbridas, presentes no meio acadêmico de um termo gerado a partir de um fragmento de outro termo emprestado pela língua na qual o conhecimento é originalmente discutido. Nesses casos, a influência do português na construção das ULS.

Esse morfema-base (configuração de mão em L) mostrou-se bastante produtivo em outros sinais elencados para as análises.

Ficha lexicográfica 2 – Transformação de LETRAS-LIBRAS em LETRAS-ORAL.

Ficha lexicográfica 2

ULS 2	
Bases morfológicas	 <p style="text-align: center;">+</p> <p style="text-align: center;">LETRAS-LIBRAS e ORALIDADE/ FALAR.</p>
Descrição fonomorfêmica	<p>Mão passiva configurada em ‘L’, com a palma para a frente, mão dominante aberta com a palma para voltada para a mão passiva. Com movimentos que sugerem ‘espasmos’ muda a OP (para frente) e se encaixa no polegar da mão passiva, com movimentos de abre e fecha.</p>
Contexto de uso	<p>Crítica as relações de poder entre português e Libras no contexto acadêmico.</p>
Processo de formação	<p>Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão).</p>
Validação	<p>1- Significa LETRAS-LIBRAS se transformando em LETRAS-ORAL.</p> <p>2- Deriva dos sinais LETRAS LIBRAS e ORALIDADE.</p>

Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessado em 26/10/2019.
-----------------------	---



Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 2

Inicia com o sinal LETRAS LIBRAS, mas a partir de um olhar negativo manifesto por meio de expressão facial, a mão que representa a Libras sofre uma transformação por meio de movimentos que sugerem ‘espasmos’ e torna-se ORALIDADE.

A intenção comunicativa foi mimeticamente representada por meio de movimentos e expressões faciais concomitante com o sinal, complementando-o.

Ficha lexicográfica 3 – Sinal-termo UFT.

Ficha lexicográfica 3	
ULS 3	
Base	 <p>Logomarca da UFT</p>
Descrição	Mão passiva configurada em T e a outra mão configurada de forma mimética que insinua a descrição da folha em cima da letra.
Contexto de uso	Para se referir a UFT.



Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão).
Link e data de acesso	Fonte: Carneiro et.al, (2019, p. 22).

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 3

Usada para se referir a UFT de forma geral, nesse caso, a criação do sinal tem motivação icônica da então logomarca da UFT cujo morfema-base representado pela mão passiva configurada em T e a outra mão buscando descrever a folha em cima da letra. Vale a pena ressaltar que embora a logomarca da universidade tenha modificado, o sinal ainda mantém traços icônicos que caracterizam a antiga logo da instituição. (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 83; 85; 96) fala sobre morfemas-base que segundo ela são constituintes de uma unidade lexical de sinal com estatuto morfológico de radical, sobre os quais é possível construir uma infinidade de termos de mesmo campo semântico. São ULS ou parte de ULS que desdobram a sua função e constituem base para a formação de novos termos.

Ficha lexicográfica 4 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE ARAGUAÍNA – TO.

Ficha lexicográfica 4	
ULS 4	
Base	

UFT e GRAMADO	
Descrição	CM - mão dominante em 'T'. A outra mão (passiva aberta com a palma para cima e dedos levemente arqueados. M- Afastar a mão não dominante para o lado oposto, oscilando os dedos.
Contexto de uso	Para se referir ao campus da UFT de Araguaína – Tocantins.
Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão).
Link e data de acesso	Fonte: Carneiro, et.al, (2019, p. 23). Capovilla, (2006, p.1178).

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 4

Tomando por base a ULS referente a UFT de forma geral, a ULS do campus de Araguaína - Tocantins também se utiliza do MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA na construção da ULS. FARIA-NASCIMENTO (2013, P. 97).

A ULS é formada pelo morfema-base (mão passiva em T) e parte do sinal composto GRAMA/ GRAMADO. Dizemos que utiliza parte dessa ULS, por se tratar de uma ULS composta por dois itens lexicais, a saber: VERDE + mãos abertas, palmas para cima, dedos separados e curvados. Afastar as mãos para os lados opostos, oscilando os dedos. CAPOVILLA, (2006, P.1178). Nesse caso, apenas a segunda parte é requerida na formação da ULS.

Ficha lexicográfica 5 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE GURUPI –TO.

Ficha lexicográfica 5	
ULS 5	
Base	G-U-R-U-P-I

Descrição	Mão passiva configurada em T e mão dominante configurada em ‘U’. A mão dominante permanece sem movimento e a mão dominante que inicialmente está com a palma para frente, sofre um movimento circular e finaliza com a palma voltada para o emissor.
Contexto de uso	Para se referir ao campus da UFT de Gurupi – Tocantins.
Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão).
Link e data de acesso	Fonte: Carneiro, et.al, (2019, p. 25).

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 5

A ULS criada para designar o campus UFT da cidade de Gurupi –Tocantins também utiliza o MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (mão em T) derivado do sinal-termo UFT, associado a grafia do português (datilologia) usada para se referir a cidade.

Ficha lexicográfica 6 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE MIRACEMA – TO.

Ficha lexicográfica 6	
ULS 6	
Base	

Descrição	CM - Mão dominante em T e a mão não dominante aberta, com os dedos juntos, com movimento tocando o pulso na parte de baixo da mão dominante e com os dedos na parte de cima da mesma.
Contexto de uso	Para se referir ao campus da UFT de Miracema – Tocantins.
Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão).
Link e data de acesso	Fonte: Carneiro, et.al, (2019, p. 26).

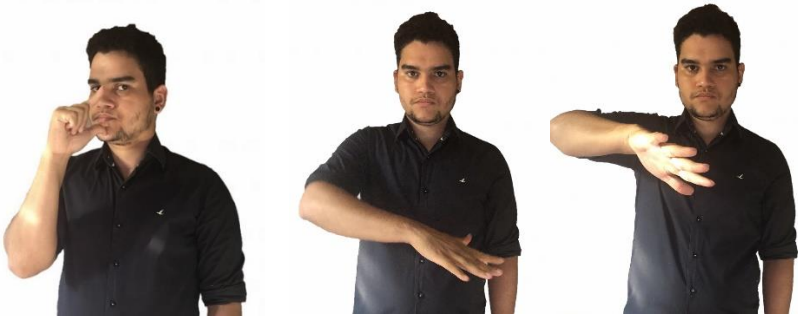
Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 6

Usada para se referir ao Campus UFT da cidade de Miracema – Tocantins também formada pelo morfema-base (mão em T), que aliado a características icônicas e visuais que de acordo com Carneiro et al. (2019, p. 25), fazem referência a uma construção no canteiro central de uma avenida da cidade. Uma junção de partes de itens lexicais na formação da ULS obedecendo a seguinte ordem: morfema-base + configuração de mão icônica (MCCLEARY; VIOTTI, 2011); VILHALVA, 2009).

Ficha lexicográfica 7 – Sinal-termo UFT campus de PALMAS.

Ficha lexicográfica 7	
ULS 7	

Motivação	 <p style="text-align: center;">MAR</p>
Descrição	CM - Morfema-base (mão dominante em T) sem movimentos, e mão não dominante aberta com a palma para baixo com movimentos ondulatórios.
Contexto de uso	Para se referir ao campus da UFT de Palmas – Tocantins.
Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESOLETRA (Configuração de Mão).
Link e data de acesso	Fonte: Capovilla (2006 p. 1453). Carneiro, et.al, (2019, p. 27).



Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 7

Como as outras ULS dos demais campus aqui já apresentados, esta também deriva de (UFT – geral) composta pelo morfema-base (mão em T) cujo estatuto morfológico de radical, sobre o qual vem sendo construídas outras ULS de mesmo campo semântico. FARIANASCIMENTO, (2013, p. 83). Mas além disso, de acordo com Carneiro et.al. (2019, p. 26), a ULS também tem sua base morfológica motivada pela localização geográfica do campus que fica as margens de um lago represado pelo Rio Tocantins.

Por isso, se utiliza também de parte da ULS da língua usada para MAR. Com base em Capovilla (2006, p. 1453) trata-se de ULS composta a partir a junção de ÁGUA e dessa outra representada pela mão aberta, palma baixo e movimentos ondulatórios. Sendo aproveitada, aqui, apenas a sua segunda parte.

Ficha lexicográfica 8 – Sinal-termo CAMPUS UFT DE PORTO NACIONAL – TO.

ULS 8	
Motivação	 <p style="text-align: center;">CAJU</p>
Descrição	CM – Mão passiva configurada em ‘T’, mão dominante fechada com o dedo indicador levemente levantando tocando abaixo do dedo polegar com um movimento circular.
Contexto de uso	Para se referir ao campus da UFT de Porto Nacional – Tocantins.
Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA (Configuração de Mão).
Link e data de acesso	Fonte: Capovilla (2006 p. 476). Carneiro, et.al, (2019, p. 27).

Fonte: Autoria própria



Análise da ULS 8

A ULS do campus de Porto Nacional – Tocantins é formada por partes de dois itens lexicais que se aglutinam, e um deles é o morfema-base (mão em T) associado a parte da ULS da fruta CAJU (CAPOVILLA, 2006, p. 476).

A ideia de formação da ULS parte da característica física do campus que dispõe de bastante cajueiros. Carneiro, et.al, (2019, p. 27).

Percebemos também uma mudança fonomorfêmica no Ponto de Articulação (PA), já que a ULS convencional é articulada próximo a boca e a do campus, próximo ao morfema-base (mão em T). Faria-Nascimento (2013, p. 97).

Ficha lexicográfica 9 – DISCIPLINA-ORAL

Ficha lexicográfica 9	
ULS 9	
Bases	 <p style="text-align: center;">DISCIPLINA ESCOLAR e ORALISMO</p>
Descrição	CM - mão dominante simbolizando a ORALIDADE, em cima do dorso da mão não dominante (passiva) fechada (configurada em 'S'). Com movimentos de abre-e-fecha a mão.
Contexto de uso	Crítica as relações de poder entre português e Libras no contexto acadêmico. Usada para denotar indignação ao fato de haver um intérprete traduzindo da Libras para a oralidade disciplinas ministradas por professores surdos.
Processo de formação	Derivação a partir do significado da base: MORFEMA-BASE-PRESOLETRA (Configuração de Mão).
Validação	<p>1- Significa DISCIPLINA-ORAL</p> <p>2- Deriva do sinal DISCIPLINA</p>

Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessado em 25/10/2019.
-----------------------	---

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 9

Essa ULS deriva da junção de duas ULS de uso da língua que são elas DISCIPLINA ESCOLAR e ORALISMO. A partir do morfema-base, há a alteração da CM (que em DISCIPLINA é representado por uma mão aberta com a palma para cima), por outra que sugere o ORALISMO.

Antes da entrevista com os participantes surdos, acreditávamos que se tratava de uma crítica ao fato de disciplinas do curso Letras Libras ainda serem ministradas por meio da oralidade. Porém, em seus depoimentos, os participantes surdos revelaram ser uma crítica ao fato de haver intérprete traduzindo da Libras para a oralidade (para os discentes ouvintes) as disciplinas ministradas por professores surdos.

Novamente demonstra a interferência da oralidade no contexto educacional do curso Letras Libras, local onde devem prevalecer a língua e cultura surda.

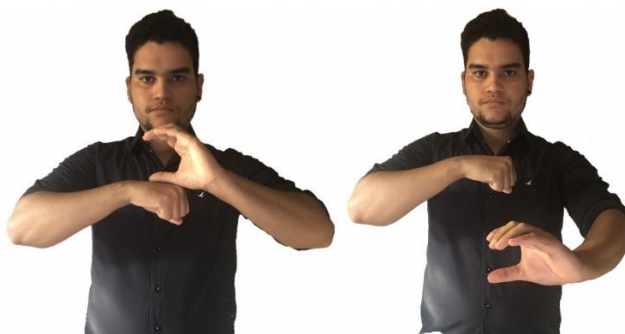
4.1.2 Derivados a partir do significado da base (Ponto de Articulação).

Nessas ULS que serão apresentadas, o que serve de base é a posição da mão dominante em relação ao ponto de articulação. Elas derivam do sinal COLEGIADO, e apresentam uma relação metafórica entre a altura da mão e a “altura” da instância dos colegiados.

Apresentamos inicialmente a análise do sinal-termo COLEGIADO, já que serviu de base para a criação dos demais.

No sinal-termo COLEGIADO o morfema-base assumido pela mão dominante configurada em letra ‘C’, faz alusão a palavra escrita em português (caracterizando o empréstimo linguístico) A mão em ‘C’ é posicionada no dorso da outra mão (configurada em S), acrescida de um movimento para baixo, que sugere ser uma instancia elementar. Outra construção híbrida, pois também resulta de fragmentos das duas línguas (português e Libras) FARIA–NASCIMENTO (2013, p. 108).

Figura- 30 – Sinal COLEGIADO



Fonte: Autoria própria

Ficha lexicográfica 10 – Sinal-termo CONDIR – Conselho Diretor ²⁸

Ficha lexicográfica 10	
ULS 10	
Base	
	COLEGIADO
Descrição	CM – mão dominante em ‘C’ com movimento circular em cima do dorso da mão passiva (configurada em ‘S’).
Contexto do uso	Para se referir ao CONDIR.
Processo de formação	Derivação a partir do morfema base Ponto de Articulação.

²⁸ Órgão máximo consultivo e deliberativo de um Campus Universitário para definir a política de ensino, pesquisa, extensão, pós-graduação e administração geral do Campus, em conformidade com as diretrizes gerais da UFT.

Validação	1- Significa CONDIR 2- Deriva do sinal COLEGIADO
Link e data de acesso	

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 10

ULS que deriva do sinal COLEGIADO, cujo morfema-base (mão em C) gira no dorso da mão passiva, cuja altura (acima) configura ser uma instancia superior ao colegiado.

Ficha lexicográfica 11– Sinai-termo CONSEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão²⁹

Ficha lexicográfica 11	
ULS 11	
Base	
	COLEGIADO

²⁹ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, que é o órgão deliberativo da Instituição, em matéria didático-científica. É formado pelo Reitor, como seu Presidente, pelo Vice-Reitor, pelos Pró-Reitores, pelos Coordenadores de Curso de Graduação Presencial e à Distância e de Pós-Graduação Stricto Sensu, por 02 (dois) representantes da categoria docente; por 15% (quinze por cento) de servidores técnico-administrativos e por 15% (quinze por cento) de discentes, sendo que estes dois últimos possuem como parâmetro a composição docente. Informações extraídas do site <https://ww2.uft.edu.br/index.php/consuni> Acessado em 21/03/ 2020.


Descrição	CM- mão dominante em ‘C’ acima do dorso da mão passiva (configurada em ‘S’). Apresenta um movimento circular, e é articulado alguns centímetros acima do dorso da mão em S.
Contexto do uso	Para se referir ao CONSEPE.
Processo de formação	Derivação a partir do morfema base Ponto de Articulação.
Validação	1- Significa CONSEPE 2- Deriva do sinal COLEGIADO
Link e data de acesso	

Fonte: Autoria própria

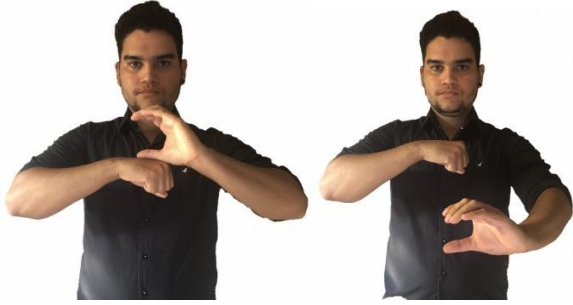
Análise da ULS 11

Outra ULS que também deriva de COLEGIADO, cujo morfema-base (mão em C) é mantido, e também apresenta um movimento circular (como no sinal CONDIR), porém o componente morfológico que distingue significado por expansão semântica aqui é a mudança no fonomorfema Ponto de Articulação (PA), já que este é articulado alguns centímetros acima do dorso da mão, para representar uma instancia superior ao COLEGIADO e ao CONDIR. Faria-Nascimento, (2013, p. 97).

Ficha lexicográfica 12 – Sinal-termo CONSUNI – Conselho Universitário ³⁰

Ficha lexicográfica 12	
ULS 12	

³⁰ Órgão deliberativo supremo da Instituição, destinado a traçar a política universitária e a atuar como instância de deliberação superior e de recurso. Informações em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/arraias/conselho-diretor-5>. Acessado em 20 de março de 2020

Base	
	COLEGIADO
Descrição	CM - mão dominante configurada em C permanece abaixo da mão passiva (aberta com os dedos juntos). O sinal é articulado inicialmente na altura da cintura, seguido de um movimento retilíneo para cima.
Contexto do uso	Para se referir ao CONSUNI.
Processo de formação	Derivação a partir do morfema base Ponto de Articulação.
Validação	1- Significa CONSUNI 2- Deriva do sinal COLEGIADO
Link e data de acesso	

Fonte: Autoria própria



Análise da ULS 12

Advém de um processo de derivação expansão semântica (Faria-Nascimento, 2013, p. 97) da ULS COLEGIADO com o morfema-base (mão em C) mantido e dois outros componentes morfológicos distinguem significado aqui que são a mudança no parâmetro Configuração de Mão (CM) da mão não dominante que permanece acima da outra (mão em C), o parâmetro Ponto de Articulação (PA) e também no Movimento (M) que aqui é retilíneo para cima indicando uma instancia superior ao COLEGIADO ao CONDIR, e ao CONSEPE.

4.2 ULS do processo de Flexão.

Nessa categoria, as ULS apresentam mudanças nas CM, que lhes acrescentam significados como ironia e ofensa. E temos o caso em que a mudança na CM estabelece o plural.

Ficha lexicográfica13 – ‘APLAUSOS’ para a apresentação de TCC de forma oral.

Ficha lexicográfica 13	
ULS 13	
Bases morfológicas	 APLAUSOS
Descrição	CM - dedos médios estendidos e os demais dedos abaixados, seguros pelo polegar, com movimentos girando as palmas das mãos para frente e para trás.
Contexto do uso	Crítica as relações de poder entre português e Libras no contexto acadêmico.
Processo de formação	Flexão por mudança fonomorfêmica da Configuração da mão (CM).
Validação	1- Significa ‘APLAUSOS’ para o TCC apresentado de forma oral. 2- De características do sinal APLAUSOS
Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessado em 23/10/2019.

Fonte: Autoria própria



Análise da ULS 13

Tem suas bases no sinal APLAUSOS com mudança apenas na CM, que assume um novo formato para demonstrar sentido contrário deste. O movimento e demais fonomorfemas de APLAUSOS permanecem.

Preti (2004) expressa que as gírias podem ser usadas para crítica, ironia, desprezo, humor, e oposição. O contexto de uso dessa ULS remete essa ideia.

Para Faria-Nascimento (2013, p. 97), a CM pode ser usada como morfema-base em construções de ULS. Os dados demonstram que outras ULS fizeram uso dessa mesma CM especializando significados termos preexistentes da língua, conforme veremos a seguir.

Ficha lexicográfica 14 – REPÚDIO ao ouvintismo³¹.

Ficha lexicográfica 14	
ULS 14	
Base	 <p>OBEDECER, RESPEITAR</p>

³¹ Conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (SLKIAR, 1998, p.15).

Descrição	CM - dedos médios estendidos e os demais dedos abaixados, seguros pelo polegar. Movimento retilíneo para frente.
Contexto de uso	Crítica as relações de poder entre português e Libras no contexto acadêmico.
Processo de formação	Flexão por mudança fonomorfêmica da Configuração da mão (CM).
Validação	1- Significa REPÚDIO ao ouvintismo. 2- De características do sinal RESPEITO.
Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessado em 23/10/2019.

Fonte: Autoria própria


Análise da ULS 14

Essa nova ULS se valeu de características de outra que significa obediência, respeito. A ideia de criação dela emergiu da necessidade de expressar o antônimo deste, ou seja, para denotar desconsideração, desrespeito. A soma de outro componente morfológico (mudança no parâmetro configuração de mão) especializou o significado da ULS. FARIA-NASCIMENTO (2013, p. 97).

O contexto para o qual foi usada, vai ao encontro do que Preti (2004) afirma sobre o vocábulo gírio, como recurso importante para expressar sentimentos como crítica, ironia, desprezo, humor, denúncia ou oposição aos valores tradicionais, e como instrumentos verbais na luta de classes. A intenção do sinalizante nesse caso é justamente de externar esse tipo de sentimentos, já que refere a uma posição adversa ao ouvintismo.

Ficha lexicográfica 15 – SURDEZ na perspectiva ouvintista.

Ficha lexicográfica 15	
ULS 15	

Base	
	SURDEZ/ SURDO
Descrição	CM - dedo médio estendido e os demais dedos abaixados, seguros pelo polegar. O dedo médio estendido toca uma vez no ouvido e outra no queixo, próximo a boca.
Contexto de uso	Crítica as relações de poder entre português e Libras no contexto acadêmico. A forma como os ouvintistas veem os ‘SURDOS’.
Processo de formação	Flexão por mudança fonomorfêmica da Configuração da mão (CM).
Validação	<ol style="list-style-type: none"> 1- Significa SURDEZ na perspectiva ouvintista. 2- De características do sinal SURDO.
Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessados em 26/10/2019.



Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 15

A origem dessa ULS se dá em outra que está em circulação, usada para SURDO, e conserva características fonomorfêmicas dela como o ponto de articulação, orientação da palma da mão e movimento, mas apresenta uma mudança na CM para denotar um sarcasmo em relação aos preceitos ouvintistas acerca dos surdos.

Os estudos de Faria-Nascimento, (2013, p. 97) acerca do processo de derivação em Libras que pode alterar a classe ou o significado de uma ULS, pelo uso de outros componentes morfológicos que somados a ela especializam o significado da nova ULS ficam evidentes aqui. Novamente o uso da língua como recurso para expressar indignação Preti (2004), já que a ULS foi criada exclusivamente para esse contexto de manifestação.

Ficha lexicográfica 16 – Sinal-termo PRÉ-REQUISITOS³²

Ficha lexicográfica 16	
ULS 16	
Base	 PRÉ-REQUISITO
Descrição	CM- mão passiva configurada em 'L' outra mão aberta com os dedos juntos com quatro dedos envoltos no polegar da mão dominante. M- retilíneo para trás.
Contexto de uso	Usada para se referir a PRÉ-REQUISITOS.
Processo de formação	Flexão de número
Validação	1- Significa PRÉ-REQUISITOS. 2- De características do sinal PRÉ-REQUISITO.

³² Diz respeito as disciplinas da grade curricular de curso, são elementos basicamente criados para impedir que um acadêmico curse determinadas disciplinas continuadas (ou que se relacionam nos conteúdos programáticos) ao mesmo tempo, e visam bloquear que um aluno curse por exemplo, a matéria de Cálculo II, sem que já tenha cursado a disciplina de Cálculo I. <https://napressaopormudancasdceuft.blogspot.com/2010/06/orientacoes-sobre-quebra-pre-requisitos.html> Acesso em 03/04/2020.

Link e data de acesso	
-----------------------	--

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 16

A partir das informações semânticas de PRÉ-REQUISITO que é formado por um Morfema-base (mão passiva em ‘L’) e mão não dominante (configurada em ‘X’) com o dedo indicador atrelado ao polegar da mão passiva, em formato de gancho faz um movimento puxando essa para trás indicando o requisito necessário à realização da disciplina. Nesse caso, o dedo indicador da mão em ‘L’ supõe uma determinada disciplina, e o dedo polegar representa o pré-requisito para que a mesma aconteça.


Com base nessas informações, PRÉ-REQUISITOS é formada também pelo Morfema-base (mão passiva em ‘L’), e a mão não dominante aberta, com quatro dedos atrelados ao polegar da mão dominante, com um movimento para trás. A mudança fonomorfêmica da configuração da mão estabeleceu o plural.

Nesse caso, a ULS sofre uma flexão de número, pela formação de plural. Faria-Nascimento (2013, p. 97) comenta que há uma tênue fronteira que clama por estudos que permitam distinguir claramente os dois processos, mas que a flexão não muda a classe, nem o significado da ULS.

4.3 ULS do processo de Composição.

Ficha lexicográfica 17 – IMATURIDADE-DOS-OUVINTES.

Ficha lexicográfica 17	
ULS 17	

Bases	 <p style="text-align: center;">CHUPETA e ORALIDADE/ FALAR.</p>
Descrição	Uma mão fazendo o sinal de CHUPETA e a outra ORALIDADE. Uso de EF de obstinação.
Contexto de uso	Imaturidade dos ouvintes frente a uma situação de desconforto linguístico (mais especificamente do fato de apresentar o TCC em Libras)
Processo de formação	Composição por simultaneidade.
Validação	<ol style="list-style-type: none"> 1- Significa IMATURIDADE-DOS-OUVINTES 2- De características dos sinais CHUPETA e ORALIDADE
Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessados em 26/10/2019.

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 17

Composta por duas ULS que são: CHUPETA e ORALIDADE, que se aglutinam para formar uma nova ULS.

Oliveira (2015), tratando de um fenômeno denominado aglomeração nas LS que segundo ela se posiciona entre o processo de composição e de derivação, e é um processo de formação de palavras da junção de unidades mínimas dotadas de significado que resulta em estruturas complexas, em que a base é enriquecida com estruturas baseadas nos conceitos dos novos sinais que serão criados (OLIVEIRA, 2015). Nessa ULS vemos que a sua formação surge da junção de morfemas de duas ULS distintas, que podemos considerar composição por simultaneidade.

O uso da ULS se aplica ao contexto de imaturidade de ouvintes frente a uma situação de desconforto linguístico (mais especificamente ao fato e apresentar o TCC em Libras). O fato

é que os surdos são tirados da sua zona de conforto e têm que estabelecer relações fora dessa zona e da sua língua de origem a todo momento, já os ouvintes quando colocados nessa situação agem com imaturidade, reclamam e têm resistência em se deslocar da sua língua materna.

Para os acadêmicos surdos, o curso de Letras Libras é o local que deve ser referência de valorização da Libras e esse tipo de situação não deve acontecer, nem de forma velada.


4.4 ULS de processo Classificador.

Essa categoria se subdivide em: lexicalização de ações miméticas, e lexicalização de formas geométricas.

4.4.1 Lexicalização de ações miméticas

As ULS encontradas advindas desse processo de formação foram exclusivamente do contexto da manifestação.

Ficha lexicográfica 18 – RECLAMAÇÃO

Ficha lexicográfica 18	
ULS 18	
Bases	Características icônicas de alguém reclamando.
Descrição	O uso de expressões corporais e faciais para simular alguém birrando.
Contexto de uso	Imaturidade dos ouvintes reclamando para não sinalizar.
Processo de formação	ULS de processo Classificador. Lexicalização de ações miméticas.
Validação	1- Significa RECLAMAÇÃO 2- IMITAÇÃO DE MANEIRA DEBOCHADA

Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessados em 26/10/2019.
-----------------------	--

Fonte: Autoria própria


Análise da ULS 18

Nessa ULS, o corpo e as expressões faciais foram usados de forma icônica para ilustrar uma espécie de reclamação. O sinalizante a utilizou para dar ênfase a resistência das pessoas ouvintes, aqui no caso, os alunos do curso Letras Libras, quando lhes são requeridos um discurso ou apresentação em Libras.

Vemos aqui um processo classificador no qual o uso de expressões faciais e corporais visam conferir um caráter prosódico ao seu significado.

Podemos inferir que os estudos de Taub (2004, p. 55,56) acerca do processo de iconicidade mimética ou imitação não linguística por meio do uso de habilidades físicas do imitador, podem nortear a compreensão desse processo no qual a intenção comunicativa do interlocutor foi basicamente a ‘imitação de maneira debochada’ do objeto alvo de crítica.

Ficha lexicográfica 19 – ‘PÉSSIMO’

Ficha lexicográfica 19	
ULS 19	
Base	Não identificada
Descrição	Mãos abertas, palmas para cima. É realizado concomitante com expressão facial com a língua entre os dentes para expressar algo ‘PÉSSIMO’.
Contexto de uso	Usada para denotar a atitudes ouvintistas.

Processo de formação	ULS de processo Classificador. Lexicalização de ações miméticas.
Validação	1- Significa PÉSSIMO 2- Não identificado.
Link e data de acesso	https://www.youtube.com/watch?v=UD4WBMaoWhY/ Acessado em 25/10/2019.

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 19


Construída por meio de um processo icônico ou mimético para expressar algo ‘PÉSSIMO’. Especificamente, ele faz uso das expressões faciais e corporais para ilustrar atitudes dos ouvintes (colonizadores).

Os preceitos de FARIA-NASCIMENTO (2013, p. 84) acerca das expressões faciais na composição do significado de uma ULS com elas construídas e o caráter semântico/ prosódico delas são notórios aqui, cuja intenção denota ironia, e percebemos também o uso do morfema-boca na construção dessa ULS. (FELIPE, 2006, p. 206; PÊGO, 2013, p.78).

4.4.2 Lexicalização de formas geométricas

Ficha lexicográfica 20 – Sinal-termo PADI.

Ficha lexicográfica 20	
ULS 20	
Base	

	
Descrição	PADI ³³ - CM- mão passiva aberta com a palma para cima servindo de apoio para a outra mão configurada em 'L', com os dedos levemente flexionados.
Contexto de uso	Para se referir ao PADI.
Processo de formação	ULS de processo Classificador. Lexicalização de formas geométricas.
Validação	1- Significa PADI 2- De características visuais do referente (logomarca).
Link e data de acesso	

Fonte: Autoria própria

Análise da ULS 20

A ULS como vemos, apresenta características visuais da logomarca do PADI. A mão com a palma para cima e a outra mão em 'L' busca representar um capelo³⁴ logo acima. Dessa maneira, podemos inferir que se trata de um processo de formação de ULS a partir de classificador (lexicalização de formas geométricas) já que busca resgatar características visuais da logomarca que o representa. McCleary e Viotti (2011, p 296).

Finalizamos a apresentação das fichas lexicográficas contendo as ULS elencadas para esse trabalho que como vimos, utilizaram aspectos produtivos de formação de sinais. Apresentaremos a seguir, os tipos de processos de formação de ULS encontrados nesse estudo.

4.5 – Processos de formação de ULS: achados da pesquisa.

³³ Programa de Apoio ao Discente Ingressante, criado pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), tem o objetivo de auxiliar os estudantes ingressantes que estejam matriculados no 1º e/ou 2º período (s) e àqueles reprovados nas disciplinas básicas curriculares. Fonte: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/prograd/programas-especiais-em-educacao/padi>. Acessado em 21 de março de 2020.

³⁴ Nas cerimônias de formatura, o capelo é usado por quem recebe e por quem outorga o grau. E representa o poder temporal, em analogia com o símbolo da coroa real.

Conforme visto, os tipos de processo encontrados foram: Derivação, Composição, Flexão e processos Classificadores (icônicos ou miméticos).

- Derivação

De acordo com Faria-Nascimento (2013 p. 85) os fonomorfemas (parâmetros) contém informações morfológicas e traços distintivos que determinam, especificam ou ressignificam um referente. Em suas análises, a autora conclui que uma característica presente nos morfemas-base é o fato de imputarem à CM da mão passiva (não dominante) um status relevante e de primeiro plano na construção de uma ULS, pois geralmente a essa mão é imputada função secundária e periférica.

Elencamos para a pesquisa ULS com essas características, em sua maioria assimétricos e bimanuais, em que cada CM parece carregar significado.

Fizemos a análise do sinal-termo LETRAS LIBRAS para facilitar a compreensão do processo de formação das ULS que dele derivam.

No sinal LETRAS LIBRAS o morfema-base assumido pela mão dominante configurada em letra 'L' (em alusão ao curso de Letras, caracterizando o empréstimo linguístico do português) é associado ao sinal usado para LIBRAS em um processo que combina elementos das duas línguas. Faria-Nascimento (2013, p. 108) denomina esse processo de construção híbrida, pois emerge de um fragmento de um termo emprestado da língua oral, e resulta em um neologismo lexical ou terminológico.

Figura 31- LETRAS-LIBRAS



Fonte: Autoria própria

Dados da pesquisa revelaram que a partir de característica desse sinal (morfema-base mão em 'L') houve a construção de outras ULS.

Faria-Nascimento (2013, p.88), ainda tratando das derivações sufixais em Libras, discute acerca do MORFEMA-BASE-PRESO-LETRA, que são morfemas-base idênticos empregados na construção de novas ULS de campos semânticos distintos, e que caracterizam homonímia morfológica.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados acerca do processo de derivação, elencamos ULS produto de morfema-base em que a CM da mão passiva se constituiu produtiva na formação de novas ULS. Nessa categoria encontramos:

- LETRAS ORAL (L como base);
- CAMPUS DA UFT (T como base);
- DISCIPLINA ORAL (Mão em garra como base).

Outra categoria que encontramos do processo de derivação foram as que apresentaram o ponto de articulação enquanto morfema base. Nestes casos, a mão não dominante (passiva) serviu de ponto de articulação e referência para fazer gradação na altura da mão dominante. Exemplos de ULS dessa natureza: COLEGIADO, CONDIR, CONSEPE, CONSUNI.

- Flexão

Do processo de flexão, as ULS encontradas, apresentaram apenas mudanças de CM, que estabeleceram acréscimos aos significados já existentes como plural, e ironia. Como em APLAUSOS, REPÚDIO, SURDEZ e PRÉ-REQUISITOS.

- Composição

Do processo de composição, vimos duas ULS se unindo e dando origem a uma nova, em um processo de composição simultânea. A ULS dessa natureza foi IMATURIDADE.

- Classificadores

Dessa categoria, também chamada de processos miméticos ou icônicos, encontramos as ULS produto de lexicalização de ações miméticas: RECLAMAÇÃO e PÉSSIMO, e lexicalização de formas geométricas: PADI.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, nos propomos a fazer o levantamento e análise de novas ULS (em Libras) no contexto educacional do curso superior (Letras Libras), um ambiente favorável ao uso e circulação de recursos como renovação lexical, devido à presença de jovens surdos.

Motivados pelo desejo de compreender mais sobre a Libras, e de poder contribuir para aumento de pesquisas do ramo, e de disseminar tais conhecimentos, foi que nos propomos a realizar esse estudo. A metodologia se deu a partir da análise de materiais impressos e vídeos, além de entrevistas com dois alunos surdos do curso.

De posse dos dados, analisamos o processo de formação, e os aspectos que motivaram a criação desses sinais, e os resultados revelaram dentre outras observações, que a interação comunicativa impulsiona a criação de novos itens lexicais, e que a partir de uma unidade léxica da Libras, pode-se criar novos termos em diferentes processos de formação, e que as mídias produzidas por surdos em Libras se configuram excelente objeto de estudo para pesquisas linguísticas.

Vimos que a inserção de surdos no âmbito acadêmico demanda a criação de sinais-termos específicos da área, ou para situações momentâneas como é o caso das ULS elencadas do da manifestação. Mas a análise de sinais-termos que já circulam na comunidade, também nos permitiu constatar o dinamismo da língua.

Constatamos ainda as relações de poder entre as línguas e culturas envolvidas nesse processo e a forma como foram manifestas pelo uso criativo da língua. E que esse fenômeno contribui para a inovação lexical.

Os dados aqui apresentados especialmente os levantados do contexto da manifestação contra a apresentação do TCC por meio da oralidade revelaram na prática o que os pressupostos teóricos postulam acerca da língua enquanto recurso de expressão de crítica, ironia, desprezo, humor, denúncia, oposição aos valores tradicionais, e instrumento verbal na luta de classes. (PRETI, 2004).

O entendimento da iconicidade como elemento cognitivo, que está relacionado aos Classificadores, e que são estruturas morfologicamente complexas, e a influência de ambos no processo de formação de palavras foi fundamental na realização do trabalho.

Não podemos deixar de mencionar dos desafios encontrados durante a realização do trabalho. Investigar o processo de formação de ULS na Libras é uma atividade complexa, visto que alguns significados de ULS só puderam ser entendidos a partir da entrevista com os surdos que validaram.

Este estudo contribui para as descobertas do processo de formação de ULS nas dimensões acadêmica e social, e abre espaço para discussões mais aprofundadas sobre o tema. Nosso desejo é que outras análises nesse nível sejam efetivadas, e que haja aumento de pesquisas no ramo da lexicologia, especialmente no que tange a morfologia, que são áreas que clamam por mais pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- Alves, I. M. **A observação sistemática da neologia lexical**: subsídios para o estudo do léxico. Alfa, v. 50, n. 2, p. 131-144, São Paulo, 2006.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARBOSA, L. P. **Estatuto da forma cê: clítico ou palavra?** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2005.
- BIDERMAN, M T. C. Fundamentos da Lexicologia. In: **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e da outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 25 abr., 2002.
- BRASIL Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL. Lei 10.098/00, de 19 de dezembro de 2000. Acessibilidade das pessoas com necessidades especiais. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. Brasília, DF, 2000.
- BRASIL Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002.
- BRASIL. Lei 3.284 de 7 de novembro de 2003. Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições. Brasília: MEC, 2003.
- BRASIL. Decreto 6.949, de 25 de agosto de 2009 que promulga a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.
- BRASIL. Lei 12.319 de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Lei 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 9.508, de 24 de setembro de 2018. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Parte II: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**, 2014.

CAMPELLO A. R. **Juventude e Cultura Surda**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 2 N. 1 – pág. 104-115 (fev – mai 2016).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**, Volume 1 e 2. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2006.

CASTRO JÚNIOR, G. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2011.

CARDOSO, Vilma Rodrigues. **Terminografia da língua brasileira de sinais: glossário de Nutrição**. 2017. 133 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CARNEIRO, B. G; SOUZA, J. D. M; COSTA, D. P; LUDWIG, C. R. **Um território surdo na Universidade Federal do Tocantins: o lugar como espaço vivido**. In: CARNEIRO, Bruno Gonçalves; LEÃO, Renato Jefferson Bezerra; MIRANDA, Roselba Gomes de. **Língua de Sinais, Identidades e Cultura Surda no Tocantins**. Volume 1. North Charleston: Amazon Digital Services, 2019, p. 13-32.

CRUZ, C. P. **Gírias na Língua de Sinais Brasileira: processos de criação e contextos de uso**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Tocantins. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Nacional, 2020.

DALCIN, Gladis. **Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo**. In: QUADROS, R. M. (Org). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006.

Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Barcelona de 6 a 9 de junho de 1996

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARIA-NASCIMENTO. S. P. **A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares**. In: QUADROS, R. M., STUMPFM. R. e LEITE, T. A. (orgs) **Estudos da língua brasileira de sinais**. Séries Estudos de Língua de Sinais. V. I. Florianópolis: Insular. 2013.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FELIPE, T. A. **Introdução à gramática da LIBRAS: educação especial – língua brasileira de sinais**. Série Atualidades Pedagógicas, Brasília, n.4, p.81-123, 1997.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na Libras. ETD - Educação Temática Digital. Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995

FINGER I; QUADROS, R. M. **Teorias de Aquisição da Linguagem**. Editora da UFSC, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M.G. **As ciências do léxico**. Vol. II. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 19 – 30.

JOHNSTON, Trevor. **Nouns and Verbs in Australian Sign Language: an Open and Shut Case?** *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 6:4, 2001.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A

. On defining lexeme in a signed language. **Sign Language and Linguistics**, 2(2) 1999.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LACERDA, C. B. F.; ALBRES, N. A.; DRAGO, S. L. S. **Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 1, p. 65-80, jan./mar. 2013.

LEITE, T.A. **O ensino de segunda língua com foco no professor: História oral de professores surdos de língua de sinais brasileira**. 2004. 239 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

PÊGO, C. F. **Sinais Não-Manuais Gramaticais Da LIBRAS Nos Traços Morfológicos E Lexicais. Um Estudo Do Morfema-Boca**. Dissertação de mestrado. Brasília, 2013.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 6. reimp. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000. (Coleção Leituras no Brasil).

PRETI, D. (2004). **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna.

QUADROS, R.M.; SUTTON-SPENCE, R. **Poesia em língua de sinais. Traços da identidade surda**. In: QUADROS, Ronice M. (Org.). **Estudos Surdos I: Série de Pesquisas**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006.

QUADROS; R.M.; STUMPF, M.R. Letras Libras EaD. In: Quadros, Ronice Muller. Letras Libras ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014, p. 9-36

_____. KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

----- M, PIZZIO A. L. **Disciplina Aquisição de Língua de Sinais**. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na modalidade a Distância. UFSC, 2011.

MARINHO R. **Neologismos em libras: um estudo sobre a criação de termos na área de química**. Dissertação de Mestrado. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2016.

NASCIMENTO, C. B. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital**. 2016. xviii, 222 f., il. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NASCIMENTO, Cristiane Batista. Alfabeto manual da língua de sinais brasileira (libras): uma fonte produtiva para importar palavras da língua portuguesa. Revista Trama, v. 7, n. 14, p. 33-55, 2011.

PERLIN, G. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

PERNISS, P.; THOMPSON, R. L; VIGLIOCCO, G. **Iconicity as a General Property of Language: Evidence from Spoken and Signed Languages**. www.frontiersin.org. Volume 1, Article 227. December 2010.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. **Compostos na língua de sinais brasileira**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SACKS, O.W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, I. S. **Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB): processo e interpretação**. Dissertação de mestrado. UFSC 2015.

SILVA, S. G. L. Variação sociolinguística: estudo de caso na Língua Brasileira de Sinais. Línguas & Letras (Online), v. 15, p. 1-15, 2014.

SKLIAR, C. (Org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

_____. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Dimensão, 1998.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

_____. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2008. 176 fls. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. **História dos surdos: Representações mascaradas das identidades surdas**. In: QUADROS, Ronice M. (Org.). **Estudos Surdos II: Série de Pesquisas**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TAUB, S. F. **Language from the body Iconicity and Metaphor in American Sign Language**. Cambridge University Press 2004.

TUXI, P. S. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2017.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: princípios, políticas e prática em educação especial**. Espanha: Unesco, 1994.

_____. **Declaração mundial sobre educação para todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Tailândia: Unesco, 1990.

VILHALVA, S. **Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato grosso do Sul**. Dissertação. Universidade de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística; Florianópolis, 2009.

VOGHEL, A. 2005. **Phonologically identical noun-verb pairs in Quebec Sign Language (LSQ): form and context**. *Toronto Working Papers in Linguistics* 25: 68-75, 2005.

_____. **Declaração mundial sobre educação para todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Tailândia: Unesco, 1990.

XAVIER E BARBOSA. **Com quantas mãos se faz um sinal?** P. 113. *Revista todas as letras* u, v. 15, n. 1, 2013.

APENDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Análise de novas Unidades Lexicais Sinalizadas no âmbito do curso Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins.

Por meio deste Termo, venho convidá-lo para participar de minha pesquisa, que tem como título: Análise de novas Unidades Lexicais Sinalizadas no âmbito do curso Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins.

Esta pesquisa tem por objetivo fazer um levantamento de novas Unidades Lexicais Sinalizadas (ULS) no âmbito do curso Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) campus de Porto Nacional – TO, a partir de dados da língua em uso, sob minha responsabilidade, pesquisadora Ester Fernandes Nunes acadêmica do Programa de Pós-graduação em Letras – Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL).

Sua participação acontecerá por meio de entrevista e autorização para o uso de imagens. Ressalto que os vídeos atenderão apenas as demandas desta pesquisa e que não serão utilizados para outros fins.

Caso esses procedimentos possam gerar algum tipo de constrangimento, você tem o direito de recusar a participar.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas será preservado a confidencialidade e o sigilo dos dados dos participantes, apesar do uso das imagens.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarreta qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Após consentir a participação, se você vier a desistir de participar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, ou solicitar assistência, em qualquer fase do estudo, poderá entrar em contato com a pesquisadora Ester Fernandes Nunes na Universidade Federal do Tocantins, ou no endereço: Avenida Paraguai (esquina com a Rua Uxiramas), s/n Setor - Bairro da Cimba, Araguaína - TO,

77824-838 Telefone: (63) 3416-5601 ou pelo e-mail: esterfernandes@uft.edu.br, ou ainda pelo telefone (63) xxxxx-0156.

Este documento é emitido em duas vias, as quais serão assinadas, por mim e por você participante, ficando uma via com cada um de nós. Esse termo também poderá ser respondido em vídeo na língua brasileira de sinais. Você receberá uma cópia do seu consentimento.

Eu, _____, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____, RG _____, declaro que li este documento e aceito as condições para ser colaborador (a) voluntário na pesquisa por meio de entrevistas e autorizo o uso de minha imagem.

Local: _____

Data: ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

APENDICE 2

ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES SURDOS

- 1- Qual o significado da ULS?

- 2- Quais ULS (ou aspectos icônicos) serviram de base para a criação dela?